

**A CASA TOMBADA**

**FACONNECT - FACULDADE CONECTADA**

**PÓS-GRADUAÇÃO LATO SENSU “O LIVRO PARA A INFÂNCIA: PROCESSOS  
CONTEMPORÂNEOS DE CRIAÇÃO, CIRCULAÇÃO E MEDIAÇÃO”**

**ENTRE AVENTURAS E PEQUENAS VERDADES**

Intersubjetividade, alteridade e identidade em Pinóquio

SUZANA PANIZZA SOUZA

SÃO PAULO

2021

SUZANA PANIZZA SOUZA

**ENTRE AVENTURAS E PEQUENAS VERDADES**

Intersubjetividade, alteridade e identidade em Pinóquio

Trabalho de conclusão de curso apresentado a Casa Tombada, como parte dos requisitos exigidos para obtenção do título especialista em Pós - Graduação Lato Sensu - O Livro para a Infância: Processos contemporâneos de criação, circulação e mediação.

Orientação: Prof. e Coord. Cristiane Rogério Carvalho

SÃO PAULO

2021

*“Deixe-me ir, preciso andar  
Vou por aí a procurar, rir pra não chorar  
Se alguém por mim perguntar  
Diga que eu só vou voltar  
Depois que me encontrar “*  
- CARTOLA

## Resumo

Esta pesquisa apresenta uma experiência com o livro ilustrado *Pinóquio, o livro das pequenas verdades*, de Alexandre Rampazo, que possibilitou um estudo sobre o contexto histórico em que foi criada a versão original do personagem de Carlo Collodi. A pesquisa também investiga a materialidade do livro ilustrado como elemento narrativo determinante na experiência com a literatura, permeando os conceitos de alteridade, identidade, intersubjetividade e a importância da fabulação por meio da linguagem literária.

## Sumário

Apresentação .....	6
Livro-percurso: “De onde vem a escrita?” .....	7
Artigo: “Entre aventuras e pequenas verdades: Intersubjetividade, alteridade e identidade em Pinóquio” .....	31

## Apresentação

Esta pesquisa narra sobre minha experiência como leitora de *Pinóquio: o livro das pequenas verdades*, de Alexandre Rampazo, publicado em 2019 pela Editora Boitatá (selo da Editora Boitempo). Dentre tantas leituras que me atravessaram antes e depois do curso de pós-graduação *O Livro para a Infância: Processos contemporâneos de criação, circulação e mediação*, escolhi esta obra porque, por meio dela, vivenciei intensamente aquilo que pode acontecer quando entramos em contato com a literatura ou, quando nos deparamos com o *outro*: nos identificamos, nos diferenciamos, nos individualizamos e, conseqüentemente, somos afetados.

Esta experiência leitora foi determinante no meu processo de pesquisa e me levou a fazer as coisas de um jeito diferente. Em um cartaz de papel craft, elaborei uma espécie de mapa mental, relacionando os conceitos, temas, palavras-chave, perguntas, citações e referências que emergiram e continuam emergindo desde a leitura de *Pinóquio: o livro das pequenas verdades*. Este cartaz se transformou em um “livro-percurso”, que, além da experiência leitora, também reflete minha trajetória de estudos. Dobrado como um fanzine gigante, o livro-percurso possibilita combinações de páginas, podendo ser lido em parte ou no todo, o que atribui ainda mais significado à pesquisa, por ser ela justamente um exercício de escrita de si e do mundo.

Deste modo, o trabalho a seguir está organizado em duas partes: a primeira apresenta o “livro-percurso”, fotografado e reproduzido. Em seguida, a segunda parte apresenta um registro em forma de artigo, onde exercito transformar em palavras as relações estabelecidas entre *Pinóquio: o livro das pequenas verdades* e os conhecimentos vivenciados acerca dos livros ilustrados, para o qual dei o título: *Entre aventuras e pequenas verdades: Intersubjetividade, alteridade e identidade em Pinóquio*.



a mediação é a mediação do mundo. O livro é mais um outro para ser lido. O pode sempre variar. a magia que acontece no encontro com o outro

obra, uma experiência ou acontecimento são belos. Chega à conclusão que algo é belo se desperta interesse, convidando para maior exploração e reflexão; se provoca desejo de lembrança - algo memorável - e gera impacto corpóreo como formigamento.

➔ A BELEZA como mediadora...  
"a beleza potencializa a arte" (reminha Julia)

verdade + bondade + beleza

Sobre a beleza o meu pai também explicava: só existe a beleza que se diz. Só existe a beleza se existir interlocutor. A beleza da lagoa é sempre alguém. Porque a beleza da lagoa só acontece porque a posso partilhar. Se não houver ninguém, nem a necessidade de encontrar a beleza existe nem a lagoa será bela. A beleza é sempre alguém, no sentido em que ela se concretiza apenas pela expectativa da reunião com o outro. Em...

Toda obra de arte só existe em encontro - arte que potencializa o encontro, experiência calorosa, afetuosa, única. Livro é um objeto de arte

A beleza é sempre o OUTRO... (V.H.M.)

"A gente escreve aquilo que falta - escreve a falta, o espanto que divide".  
Bartolomeu Campos de Queiroz - "A BELEZA DE..."

A função da arte 1

"Diego não conhecia o mar. O pai, Santiago Kovadloff, levou-o para que descobrisse o mar. Viajaram para o Sul. Ele, o mar, estava do outro lado das dunas altas, esperando. Quando o menino e o pai enfim alcançaram aquelas alturas de areia, depois de muito caminhar, o mar estava na frente de seus olhos. E foi tanta a imensidão do mar, e tanto o seu fulgor, que o menino ficou mudo de beleza. E quando finalmente conseguiu falar, tremendo, gaguejando, pediu ao pai: - Me ajuda a olhar!" Eduardo Galeano

TCC GRADUAÇÃO 08

# REFLEXOS

Xilo Baralho, impressão de uma matriz de madeira: IMAGEM ESPELHADA INVERTIDA

Olhe através do espelho sales gravura John Tenniel

espelhamento devolve imagem invertida (contrário/oposto)



em relação...  
ência conjunta, efêmera, acessível, próxima, que só acontece em relação

"Diálogo: óculos"  
LIVRO - OBJETO - RELACIONAL  
Ver expo itau cultural lygia clark, "caminhando"

Referências atitudes & ARTE  
Lygia Clark +  
Sophie Calle  
Yoko Ono



# REFLEXOS

TCC  
GRADUAÇÃO:

Xilo Baralho,  
impressão de  
uma matiz de  
madeira:  
IMAGEM ESPELHADA  
INVERTIDA

Olhe através do espelho  
calco gravura  
John Tenniel

espelhamento devolve imagem invertida (contrário/oposto)



em relação...

ência conjunta, efêmera, acessível, próxima,  
e que só acontece em relação

"DIÁLOGO: ÓCULOS"

LIVRO-DEJETO-RELACIONAL

Ver expo itau cultural lygia clark, "caminhando"

Referências atitudes &  
ARTE  
Lygia Clark  
Sophie Calle  
Yoko Ono



Fonte: Laboral Centro de Arte



Suzana, é longa a jornada,  
O percurso é perigoso,  
Ponte estreita, águas profundas,  
Oceano caudaloso,  
Mas, quem fizer a passagem,  
Ingressa numa viagem  
A um mundo maravilhoso.

Marco Haurélio



## Mar Aberto

Núcleo: O Mar

O mergulho no mar como ato de purificação interior. "Lavar a alma".  
Passagem de um estado inconsciente/ignorante para atingir uma  
consciência superior. Um "batismo" que permite o ingresso à vida adulta,  
exigindo empenho, determinação e esforço físico para ultrapassar obstáculos  
e chegar do lado de lá.

Maré, Ernesto Bonato  
(módulo 01). xilogravura, 94 x 194 cm, 2015. p.a.

"Pinóquio, sendo de madeira, boiava facilmente e nadava como um peixe. Ora o  
viam desaparecer embalo da água, levado pelo impeto das vagas, ora reaparecia à tona  
com uma perna ou um braço, a uma imensa distância da terra. Por fim perderam no de  
vista e não o viram mais."

As aventuras de Pinóquio, de Carlo Collodi

como atender a todos cuidando de cada um?

O que da vida da gente não é da vida da gente mas da vida de todo mundo?

"A madeira, na  
qual Pinóquio foi  
talhado, é a  
humanidade"  
Benedetto Croce

INTERSUBJETIVIDADE

TRADIÇÃO & INVENÇÃO  
INFINITO PARTICULAR  
UNIVERSO AO MEU REDOR...

INTERSECCÕES...

A vida nos ensina:  
Viver é redimensionar os  
parâmetros

E que entre o vazio e  
o tédio profundo  
quando a gente  
contempla qualquer  
tipo de arte, não  
usamos somente rinde  
as vicissitudes do artista



TRANSBORDAR

Sem título, Nino Cais  
vídeo, 2011

"Se quiseres ser unives sed, começa  
por pintar a tua aldeia" Lionel

Suzana, é longa a jornada,  
O percurso é perigoso,  
Ponte estreita, águas profundas,  
Oceano caudaloso,  
Mas, quem fizer a passagem,  
Ingressa numa viagem  
A um mundo maravilhoso.

Marco Haurelio

Maré, Ernesto Bonato  
(módulo 01), xilogravura, 94 x 194 cm, 2015, p.a.



## Mar Aberto

Núcleo: O Mar

O mergulho no mar como ato de purificação interior. "Lavar e alisar".  
Passagem de um estado inconsciente "ignorante" para atingir uma  
consciência superior. Um "batismo" que permite o ingresso à vida adulta,  
exigindo empenho, determinação e esforço físico para ultrapassar obstáculos  
e chegar do lado de lá.

"Pinóquio, sendo de madeira, boiava facilmente e nadava como um peixe. Ora o  
viam desaparecer embaixo da água, levado pelo ímpeto das vagas, ora reaparecia à tona  
com uma perna ou um braço, a uma imensa distância da terra. Por fim perderam no de  
vista e não o viram mais."

As aventuras de Pinóquio, de Carlo Collodi

como atender a todos cuidando de cada um?

O que da vida da gente não é da vida da gente mas da vida de todo mundo?

TRADIÇÃO & INVENÇÃO  
INFINITO PARTICULAR  
UNIVERSO AO MEU REDOR...

INTERSUBJETIVIDADE

INTERSECCÕES...

A vida nos ensina:  
Viver é redesenhar os  
rascunhos

E que entre o vazio e  
o tédio profundo  
quando a gente  
contempla qualquer  
tipo de arte, não  
estamos somente rindo  
as caricaturas do artista

"Se quiseres ser um bom pintor, começa  
por pintar a tua aldeia" - Leon



TRANSBORDAR.

Sem título, Nino Cais  
vídeo, 2011

LIVROS QUE REPRODZEM A  
EXPERIÊNCIA DE SE OLHAR NO  
ESPELHO

+ Suzy  
Lee

"Dentro do espelho"  
- Heise Weis

LIVRO-ESPELHO



Marilá  
Dardot  
(inspirada  
em J.L.  
Borges)

O OUTRO,  
em "O  
livro de  
Areia"



"espelho,  
espelho meu..."



# ESPELHOS

Um livro pode ser um espelho?  
"Reflete mas não espelha"  
Isabel Coelho

livro sem começo nem fim

"... existe alguém mais bela do que eu?"

narciso acha feio o que não é espelho - caetano sem espelho na prisão

arte como visão (ver pela primeira vez) e não como reconhecimento  
obscurecer a forma - para dificultar e desafiar o entendimento - dúvida



ndo  
as do mundo. poeta Sérgio





*desenvolve alteridade?*

# PINÓQUIO

Núcleo: Campo c

A ilusão, Pinóquio nos campos, sente a ponto de não co olhos abertos, abra passam de ar!

**COMO DO PINUS**

O QUE MUDOU DO PINÓQUIO DO COLIBDI PARA O PINÓQUIO DO RAMPAZO?

↳ Materialidade que potencializa experiência

↳ a interpretação como experiência

interpretação - alarga possibilidades de entendimento  
interpretações de chapeuzinho vermelho)

arte - quanto mais descolada do tempo, mais transcendente. A arte sobrevive ao tempo

tradição e invenção  
infinito particular  
universo ao meu redor

## CLÁSSICOS

As flores da pequena

os clássicos nunca acabam de dizer o que tem pra di

↳ experiência se deu no âmbito psicológico

o que os clássicos têm que os fazem continuar reverberando no contemporâneo?

o que outros temas o rampazo tá propondo no



ABRA ME

ilustração - explica, traduz aquilo que não pode ser codificado

livro nos instrumentaliza, nos dá recursos para lidar

Toda essa variedade de experiências darão as chaves secretas para descriptografar muito sobre sua própria vida e sobre as emoções, sonhos e paralelos, sobre fantasia e realidade". Y.R.

**3**

# SONHO

11

**Livro-sonho** | Dentre as muitas coisas preciosas ditas por Antônio Cândido, destaco o que ele define como bens indispensáveis, que são não apenas os que asseguram a sobrevivência física mas os que garantem a integridade espiritual, como a arte e a literatura.

Seu argumento é que não há povo que consiga viver sem a arte ou sem "entrar em contato com alguma espécie de fabulação". Ele fala de diversos tipos de fabulação, mas o que mais me chama a atenção é o sonho, porque pode o ser humano ser privado de todos os dispositivos de fabulação, por inúmeras razões, ainda assim, quando o sujeito dorme ele sonha, e quando sonha, fabula. A fabulação é algo biológico, primitivo, ancestral e vital, portanto, indispensável. Cândido afirma que os sentidos criados a partir da literatura ou o que ele chama de "modalidade de conhecimento" na maior parte se processam nas camadas do subconsciente e do inconsciente.

Paralelamente ao meu percurso pelos livros ilustrados, me deparei com os sonhos como uma modalidade de conhecimento. Eles vieram a mim por meio de processos terapêuticos, por meio dos conhecimentos tradicionais dos povos indígenas e foi reforçado pela experiência do próprio Pinóquio no livro do Alexandre Rampazo. Pra mim, os sonhos estão colados nessa experiência com os livros, sinto muita necessidade de falar mais sobre eles e contemplá-los na minha pesquisa.

leitura literária: nos desloca da realidade e nos fragiliza

Assim como arte, que pra mim tem esse significado de "risco controlado", "risco simulado", são também os sonhos. Cândido diz que "nas mãos do leitor o livro pode ser fator de perturbação e mesmo de risco". De imaginar as situações, de nos colocarmos nelas, vivenciamos pela fabulação esses riscos. "(...) não é uma experiência inofensiva, pode causar problemas psíquicos e morais, como acontece com a própria vida da qual é imagem e transfiguração", nesse sentido que digo que os livros ilustrados são matéria-vida e que nos desenvolve, não nos diz fazer, faz sofrer e faz chorar.

↳ o que é o que? (o que é Pinóquio? os sonhos?)

↳ **TORNAR-SE REAL É INEVITÁVEL...**

"Tudo que não invento é falso" - Manoel de Barros

↳ **TUDO É REAL**

o acaso é a mãe da inventividade

Fantasia (pensar) - Invenção (construir) - Imaginação (visualizar)

↳ **SONHO & MENTIRA**  
**REALIDADE & VERDADE** "é de mentirinha" (faz de conta)

Experiências simuladas / simulação de experiências que nos preparam para a realidade criando sinapses

sonho público

ARTÉ - FANTASIA - IMAGINAÇÃO } FABULAÇÃO

Sidarta Ribeiro

**ourado**  
Milagres

Quando acreditar que é possível acesar e colher dinheiro e possuir uma quantidade tão grande de moedas de ouro e guardá-las no próprio bolso e, assim, sonhando o tempo envolvido por outro de todos os lados, que não

Clássicos favoritos na infância, histórias que partem de sonhos...

Clássicos favoritos na infância, histórias que partem de sonhos...

Alice no país das maravilhas

TORNAR-SE REAL É INEVITÁVEL...  
"Tudo que não invento é falso" - Manoel de Barros  
= TUDO É REAL

SONHO & MENTIRA  
REALIDADE & VERDADE  
"é de mentirinhas" (faz de conta)

com a realidade (sonho)  
produzir o real a partir do impossível

sonho público

ARTES - FANTASIA - IMAGINAÇÃO - FABULAÇÃO

**Livro-sonho** | Dentre as muitas coisas preciosas ditas por Antônio Cândido, destaco o que ele define como bens indispensáveis, que são não apenas os que asseguram a sobrevivência física mas os que garantem a integridade espiritual, como a arte e a literatura.

Seu argumento é que não há povo que consiga viver sem a arte ou sem "entrar em contato com alguma espécie de fabulação". Ele fala de diversos tipos de fabulação, mas o que mais me chama a atenção é o sonho, porque pode o ser humano ser privado de todos os dispositivos de fabulação, por inúmeras razões, ainda assim, quando o sujeito dorme ele sonha, e quando sonha, fabula. A fabulação é algo biológico, primitivo, ancestral e vital, portanto, indispensável. Cândido afirma que os sentidos criados a partir da literatura ou o que ele chama de "modalidade de conhecimento" na maior parte se processam nas camadas do subconsciente e do inconsciente.

Paralelamente ao meu percurso pelos livros ilustrados, me deparei com os sonhos como uma modalidade de conhecimento. Eles vieram a mim por meio de processos terapêuticos, por meio dos conhecimentos tradicionais dos povos indígenas e foi reforçado pela experiência do próprio Pinóquio no livro do Alexandre Rampazo. Pra mim, os sonhos estão colados nessa experiência com os livros, sinto muita necessidade de falar mais sobre eles e contemplá-los na minha pesquisa.

leitura literária: nos desloca da realidade e nos fragiliza

Assim como arte, que pra mim tem esse significado de "risco controlado", "risco simulado", são também os sonhos. Cândido diz que "nas mão do leitor o livro pode ser fator de perturbação e mesmo de risco". De imaginar as situações, de nos colocarmos nelas, vivenciamos pela fabulação esses riscos. "(...) não é uma experiência inofensiva, pode causar problemas psíquicos e morais, como acontece com a própria vida da qual é imagem e transfiguração", nesse sentido que digo que os livros ilustrados são matéria-vida e que nos desenvolve, não nos diz fazer, faz sofrer e faz chorar.

o acaso é a mãe da inventividade

Fantasia (pensar) - Invenção (construir) - Imaginação (visualizar)

**SONHO**

Experiências simuladas / Simulação de experiências que nos preparam para a realidade criando rituais rituais

Sidarta Ribicior

12

imagem e o que abre a porta da memória

É ACREDITAR E VOCÊ DESAPARECE...  
- sonho/vigília - estado de fronteira, abdicar do controle (Terceira Margem);  
- sonho como prevenção ao adocimento, forma de cura - "sonho é um corpo antes do corpo";  
- sonhos podem apresentar coisas que não estamos percebendo ou não estamos nos permitindo viver;

- sonho/sonho como maneira de viver melhor o presente, como maneira de CONSTRUIR e de nos preparar para o mundo que virá;  
- liberação de toxinas - o que não aprendizado.

Rosa, João Guimarães. "A terceira margem do rio". In: \_\_\_\_\_. Ficção completa: volume II. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994, p. 409-413.

A Terceira Margem do Rio  
João Guimarães Rosa

Nosso pai era homem cumpridor, forte, positivo; e ardo assim desde menino e menino, pelo que testemunhamos de diversas sensatas pessoas, quando indaguei e informei. Do que eu mesmo me lembro, ele não figurava mais estardido nem mais triste do que os outros, comecados nossos, só queco. Nossa mãe era quem regia, e que rivalha no diário com a gente. Minha irmã, meu irmão e eu. Mas se deu que, certo dia, nosso pai mandou fazer para si uma canoa.

Era e sério. Encomendou a canoa especial de pau de vinhático, pequena, mal com a tabuinha da popa, como para caber justa o remador. Mas teve de ser toda fabricada, escolhida forte e encaixada em rio, própria para divergir na água por uns vinte ou trinta passos. Nossa mãe tirou muito cuidado. Não ficou mais, que nessas águas não viajava, se a propor agora para pe não dia. Nossa casa, no tempo, ainda era mais por de igual: o rio por aí se estendendo grande, fundo, se poder ver a forma de outra beira. E esquecer e ficou pronta.

Em alegria, nem cuidado, nosso pai enci para a gente, nem falou outras palavras, não pegou recomendação. Nossa mãe, e gente achou que somente a voz de pálida, que saiu o balço e branou: voltar. Nosso pai suspendeu a resposta. Espiei me também por uns passos. E em a fra de nossa mãe rumo da que me animava, chego que um propoi leve junto, nessa sua canoa. Ele só reformo, o di com gesto me mandando para trás. Fiz que vim, para poder. Nosso pai entrou na canoa e desoner indo, a sombra dela por igual, folto um jacaré, con

Nosso pai não voltou. Ele não tinha idéia invenção de se permanecer naqueles espaços do da canoa, para dela não saltar, nunca mais. A e estarecer de toda a gente. Aquilo que não havia conexões nossos, se reuniram, tomaram forma.

Nossa mãe, vergenhosa, se partiu e pensaram de nosso pai a razão em que não quer entanto de poder também ser pagamento de por por escrito de estar com alguma feia doença, que, quando estivo, perto e longe de sua família pelas certas passagens - passadotes, moradores das beiras, até o arastado de uma benda - descrevendo que nosso pai nunca se surgiu a tomar tempo, em ponto nem canto, de dia nem de noite, da forma como cursava no rio, só, solitário. Então, pois, nossa mãe e os espantados assos, assentaram: que o fantasma que tivesse,

Ailton Kurak, sobre sonhos em "Ideias para adiar o fim do mundo"

REAL IMAGINÁRIO

árvore que sonhou ser canoa. Canoa não podia ser, teve que ser árvore mesmo. Vinhática mesmo, parada mesmo. Parada? Será? E da raiz que aprofunda? E do vento que atravessa e balança? E dos tremores e sentires da terra que vibra e pulsa? E do céu que avança, avança? Sempre querendo mais. É o querer que move, que leva e conduz pra outros lugares. Lugar é pertencer dentro da gente. Que sonho é esse de estar dentro de si e ao mesmo tempo ser canoa? A canoa-sonho que mora dentro e que leva pelo desejo. Às vezes, sem alegria e sem cuidado mesmo, vai lançar, precisa lançar nas águas desse rio que é o sonho.

**O outro, o mesmo** Articulação das visões que se têm de si e de visões que se têm do outro. Invenção de identidades que são respostas a conflitos e que podem ser também sua causa. A ideia de fronteira, por vezes como barreira intransponível e por vezes como membrana permeável. A paisagem como definidora de uma instância pública e o retrato como definidor de um âmbito que se imagina privado.

"O outro, o mesmo" é a tradução do título do livro de poemas *El otro, el mismo* (1969) de Jorge Luis Borges.

...sa:  
ideia, v  
SE VO  
EXISTE  
DUVIDAR

# OUTRO

**PESQUISA**  
Se eu fosse eu...  
Se frangipano fosse Colôdi...  
Se pinóquio fosse zepeto  
Se o livro fosse fade  
Se o livro fosse quilo...  
literatura / escultura / imagem

Por que a gente lembra / esquece?  
Distração - mecanismo de defesa, recurso de conhecimento (fuga e condição no mundo). Só não podemos nos distrair de um compromisso quando for...  
Distinguir a distração que coloca e a que desvia do mundo. Dispersão - se

→ **ANTROPOFAGIA** - amarrillar as qualidades do outro - **canibalismo**  
"Koi TXANGAKE"  
"vou comer seu fígado com milho torrado"  
**"A GENTE TEM MANIA DE QUERER DISTINGUIR REALIDADE E FICÇÃO"**

quando l atrás, eu a memóri fantasia (antes de buscand pai pude que é, e fiquei na fantasia

narrativas indígenas não descolam a fantasia do real

xavante - produção e conhecimento através dos sonhos

## EPSTEME

conhecimento verdadeiro, de natureza científica, em oposição a opinião infundada ou irrefletida,

...a imagem e o que abre a porta da memória

13

... pode fabular..."  
É ACREDITAR  
E VOCÊ  
DESA PARECE..."

- sonho/vigília - estado de fronteira, abdicar do controle (Terceira margem);  
- sonho como prevenção ao adocimento, forma de cura - "sonho é um corpo antes do caps";  
- sonho podem apresentar coisas que não estamos percebendo ou não estamos nos permitindo viver;

- **sonho/sonho como maneira de viver melhor o presente, como maneira de CONSTRUIR e de nos preparar para o mundo que virá;**  
- **liberação de toxinas**  
- **ajuda no aprendizado.**

ROSA, João Guimarães. "A terceira margem do rio". In:       . Ficção completa: volume II. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994, p. 409-413.

**A Terceira Margem do Rio**  
João Guimarães Rosa

Nosso pai era homem cumpridor, forte, positivo; e ardo assim desde menino e menino, pelo que testemunharam de diversas sensatas pessoas, quando indaguei e informação. Do que eu mesmo me lembro, ele não figurava mais estardido nem mais triste do que os outros, comecados nossos, só queco. Nossa mãe era quem regia, e que ralhava no diário com a gente - minha irmã, meu irmão e eu. Mas se deu que, certo dia, nosso pai mandou fazer para si uma canoa.

Era e sério. Encomendou a canoa especial de pai de vinhático, pequena, mal com a tabuinha da popa, como para caber justa o remador. Mas teve de ser toda fabricada, escolhida forte e encaixada em rio, própria para divergir na água por uns vinte ou trinta passos. Nossa mãe jurou muito que não iria ficar mais ali, que nessas águas não viajava, se le propor agora para pe não diaz. Nossa mãe, no tempo, ainda era mais pe de igual, o no por aí se estendendo grande, fundo, se poder ver a forma de outra beira. E esquecer e ficou pronta.

Em alegria, sem cuidado, nosso pai enci para a gente, nem falou outras palavras, não pegou recomendação. Nossa mãe, e gente achou que somente dava de péla, quecou o balço e branou voltar. Nosso pai suspendeu a resposta. Espiei me também por uns passos. Em a ra de nossa mã rumo daquile me animava, chega que um propaci leve junto, nessa sua canoa. Ele só retornou o olh com gesto me mandando pará trás. Fiz que vim, para poder. Nosso pai entrou no canoa e desoner indo, a sembra dela por igual, folo um jacaré, con

Nosso pai não voltou. Ele não tinha ic invenção de se permanecer naqueles espaços do de canoa, para dela não saltar, nunca mais. A e estarecer de toda a gente. Aquilo que não havia conheçias nossos, se reuniram, tomaram jorntani

Nossa mãe, verginhosa, se partiu e pensaram de nosso pai a razão em que não quer entanto de poder também ser pagamento de proe por escrupulo de estar com alguma feia doença, que, quando estidi, perto e longe de sua família pelas certas passagens - passadotes, moradores das beiras, ate o arastado de vava benda - descrevendo que nosso pai nunca se surgia a tomar tempo em ponto nem canto, de dia nem de noite, da forma como cursava no rio, solto vultariamente. Então, pois, nossa mãe e os assentados assos, assentaram: que o frontimento que tivesse,

Ailton Kurak, sobre sonhos em "Ideias para adiar o fim do mundo"

de sobrevivência do/ questão ética. ler no presente.

a primeira vez, um tempo sei se entendi... fiquei com, e que essa pai era uma lho. Nessa nova leitura a), fiquei o tempo todo texto indícios de que esse ser real e me convenci de eal. Agora, lido pela Simone, ida, acho que pode ser real e mesmo tempo

**REAL** **IMAGINÁRIO**

árvore que sonhou ser canoa. Canoa não podia ser, teve que ser árvore mesmo. Vinhática mesmo, parada mesmo. Parada? Será? E da raiz que aprofunda? E do vento que atravessa e balança? E dos tremores e sentires da terra que vibra e pulsa? E do céu que avança, avança? Sempre querendo mais. É o querer que move, que leva e conduz pra outros lugares. Lugar é pertencer dentro da gente. Que sonho é esse de estar dentro de si e ao mesmo tempo ser canoa? A canoa-sonho que mora dentro e que leva pelo desejo. Às vezes, sem alegria e sem cuidado mesmo, vai lançar, precisa lançar nas águas desse rio que é o sonho.

temos necessidade de sermos oinacos ou de construir narrativa?

Nem sei que individuo eu sou  
Eu sou um fragmento de olhares alheios que me compoem  
Eu não tenho uma natureza, sou eu  
Eu sou do mundo  
Eu sou a síntese de todos os olhares possíveis  
que existem sobre mim

Mediadoras:  
Dani - bullying  
Pati - racismo

entrevistas - perceber o livro como algo que potencializa nossas narrativas pessoais

Também  
Tem essa fronteira entre o interior  
e o exterior  
Não tem sem eu  
O eu é o mundo voltado para uma  
experiência do mundo,  
que passa por sensações  
Eu sou o resultado do que a vida tá passando  
por esse momento presente.

EU-  
EU-

Ao ouvir a uma história eu deixo a tensão de ser eu

Arnaldo Antunes

O SEU OLHAR  
MELHORA O MEU

DESEJO, NECESSIDADE,  
VONTADE  
(POME)

Se eu fosse eu, contaria dos meus desejos, eu falaria tudo que tenho vontade. Quem sabe numa dessas o meu desejo encontraria o desejo do outro e juntas a gente pudesse construir algo... Eu fracassaria sem me preocupar com o julgamento dos outros. É difícil porque mesmo os receios fazem parte de mim, eles também são "eu". Mas que mentiras eu ando contando?  
Eu seria muito corajosa, tomaria as rédeas, eu me permitiria sentir a dor, ficar em concentrar, eu admitiria o meu apego, minhas idealizações, minhas fantasias... Se precisaria atender as expectativas de alguém. Me se passasse um tempo escondida. Falaria das minhas r não temeria a perda. Eu declararia meu amor. Eu ac comunicação sem conhecer o contexto da conversa, eu não sentiria culpa... Essa pergunta é uma espécie de armadilha porque até quando eu escolho ser eu estou sendo eu. Aquilo que me limita também faz parte de mim, também sou eu. Mas... Se eu pudesse ser eu? Se não existisse nenhum filtro que me impedisse de fazer aquilo que eu tenho vontade...

Paredes Aversas

Núcleo: País da Folia  
Uma alegria violenta, na qual vem eliminada toda forma de repressão e de censura. Uma transgressão que ultrapassa a ideia da liberdade, por gerar confusão e desordem quando vivida sem controle.

outros,  
forma,  
lo".  
Y. R.

**O outro, o mesmo** Articulação das visões que se têm de si e de visões que se têm do outro. Invenção de identidades que são respostas a conflitos e que podem ser também sua causa. A ideia de fronteira, por vezes como barreira intransponível e por vezes como membrana permeável. A paisagem como definidora de uma instância pública e o retrato como definidor de um âmbito que se imagina privado.

"O outro, o mesmo" é a tradução do título do livro de poemas *El otro, el mismo* (1969) de Jorge Luis Borges.

mu.sa :  
idei 14,  
SE VO  
EXISTE.  
DUVIDAR

# EU-OUTRO

## PESQUISA

Se eu fosse eu...  
Se frangipão fosse colodri...  
Se pinóquio fosse  $\left\{ \begin{array}{l} \text{gato} \\ \text{fada} \\ \text{quilo} \dots \end{array} \right.$   
Se o livro fosse  $\left\{ \begin{array}{l} \text{literatura} \\ \text{escultura} \\ \text{imagem} \dots \end{array} \right.$

Por que a gente lembra/esquece?  
Distração - mecanismo de defesa, recurso de conhecimento (fuga e condic no mundo). Só não podemos nos distrair de um compromisso quando for i  
Distinguir a distração que coloca e a que desvia do mundo. Dispersão - se

ANTROPOFAGIA - amimular as qualidades  
"Koi TXANGARE" do outro - cannibalismo  
"vou comer seu fígado com milho torrado"

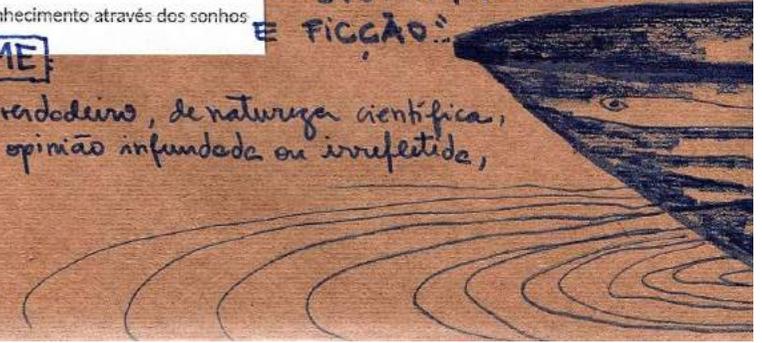
narrativas indígenas não descolam a fantasia do real

xavante - produção e conhecimento através dos sonhos

## EPISTEME

conhecimento verdadeiro, de natureza científica,  
em oposição a opinião infundada ou irrefletida,

quando l atrás, eu a memó fantasia (antes de buscard pai pude que é, e fiquei na fantasia  
"A GENTE TEM MANIA DE QUERER DISTINGUIR REALIDADE E FICÇÃO."



"leva o teu olhar...  
eu não amo o outro, eu amo o que o outro ama em mim...  
é o olhar que não me vê" - pedaço de mim, chico

raposição e ao equilíbrio ativo  
ideia de desdobramento, já que  
es"

# quando você enxerga algo do outro em você?

om o livro, ao esperar/ter expectativas, sofremos com as frustrações  
o que pode, o livro-outro dá aquilo que tem. - ver virginia wolf

ela indica uma coisa

As duas se referem a uma coisa que não está lá

livros ≠ manuais  
desprazeres internos ≠ desprazeres externos: não tratar da mesma forma, não se trata da "minha dor", mas da dor do mundo. (A arte como forma de tratar a dor) - Antônio Cândido, direito à literatura - humanização da dor

É um direito humano tudo aquilo que falta em permitir ser aquilo que se é.

*Fluiu com as palavras de muitos e era como um feitiço que, de certa curava a dor, mediante o rito nomea-*

temos necessidade de sermos ouvidos ou de construir narrativa?

15

Nem sei que indivíduo eu sou  
Eu sou um fragmento de olhares alheios que me compõem  
Eu não tenho uma natureza, um eu  
Eu sou do mundo  
Eu sou a síntese de todos os olhares possíveis  
que existem sobre mim

Também

Tem essa fronteira entre o interior  
e o exterior  
Não tem um eu  
O eu é o mundo voltado para uma  
experiência do mundo,  
que passa por sensações  
Eu sou o resultado do que a vida tá passando  
por esse momento presente.

entrevistas - perceber o livro como algo que potencializa nossas narrativas pessoais

Mediadoras:  
Dani - bullying  
Pati - racismo

EU-

EU -

Ao ouvir a uma história eu deixo a tensão de ser eu

Arnaldo Antunes

O SEU OLHAR  
MELHORA O MEU

DESEJO, NECESSIDADE,  
VONTADE  
(FOME)

Se eu fosse eu, contaria dos meus desejos, eu falaria tudo que tenho vontade. Quem sabe numa dessas o meu desejo encontraria o desejo do outro e juntas a gente pudesse construir algo... Eu fracassaria sem me preocupar com o julgamento dos outros. É difícil porque mesmo os receios fazem parte de mim, eles também são "eu". Mas que mentiras eu ando contando? Eu seria muito corajosa, tomaria as rédeas, eu me permitiria sentir a dor, ficar em concentração, eu admitiria o meu apego, minhas idealizações, minhas fantasias... Se precisaria atender as expectativas de alguém. Me se passasse um tempo escondida. Falaria das minhas r não temeria a perda. Eu declararia meu amor. Eu ac comunicação sem conhecer o contexto da conversa, eu não sentiria culpa... Essa pergunta é uma espécie de armadilha porque até quando eu escolho ser eu estou sendo eu. Aquilo que me limita também faz parte de mim, *também sou eu*. Mas... Se eu pudesse ser eu? Se não existisse nenhum filtro que me impedisse de fazer aquilo que eu tenho vontade...

Paredes Avelas  
Núcleo: País da Folia  
Uma alegria violenta, na qual vem eliminada toda forma de repressão e de censura. Uma transgressão que ultrapassa a ideia da liberdade, por gerar confusão e desordem quando vivida sem controle. eu não sentiria culpa... Essa pergunta é uma

Y. R.



"a ideia de duplicação diz respeito ao sistema binário, "a dualidade, à de forças". Segundo Nerval, o "homem é duplo" ou múltiplo, pois carrega a identidade é uma dualidade sujeita a "indefinidas ressonâncias e distorções"

Quando a satisfação do meu desejo se torna importante para o outro?

- quando ele te ama - Ketury
- quando preciso provar para o outro a minha importância, mas no inconsciente preciso provar minha importância a mim mesmo - Ane
- quando o outro se torna parte da gente - Camile
- quando o outro gosta muito de você - Julio Beltrão
- quando o outro se sente acolhido por mim - Monica
- quando sou querido pro outro e a satisfação desse desejo é possível - Carol Moreno
- Quando você manifesta claramente o desejo e diz como se sente com relação a ele - Nayara
- Quando também é o desejo do outro - Bárbara Moraes



### Big Fish

Núcleo: O Monstro Marinho

Momento do confronto corpo e corpo com nossos "monstros" interiores. A necessidade de conhecê-los internamente e dominá-los para que possamos nos libertar de suas garras, que nos aprisionam e nos impedem de ver a luz natural.

"Quando ouvimos histórias projetamos nelas nossa experiência" ou "satisfação dos desejos" que provocam as invenções: *"quanto mais desejo, mais invento o que vejo"*

"o demônio não precisa existir para haver - a gente sabendo que ele não existe, aí é que ele toma conta de tudo" - Guimarães

# PROJEÇÕES

Na relação com o outro, ou por que o livro-outro dá aquilo

*corpo projetor*

a imagem nunca é uma coisa

a palavra é o som de um conceito

*a projeção no outro como caminho para se relacionar, padecer, se diferenciar e se tornar real.*

**O QUE É DUPLO?**

(perigo)

*→ LER É PERIGOSO! ... Dos perigos da literatura - "ler causa perturbações psíquicas" - Antônio Cândido*

ouvido para enxergar além, no presente em que está vivendo. Ensinar a

ura deixa à deriva - é perigosa

"leva o teu olhar... eu não amo o outro, eu amo o que o outro ama em mim... é o olhar que não me vê" - pedaço de mim, chico

traposição e ao equilíbrio ativo. ideia de desdobraimento, já que es"

# quando você enxerga algo do outro em você?

om o livro, ao esperar/ter expectativas, sofremos com as frustrações. lo que pode, o livro-outro dá aquilo que tem. - ver virginia wolf

ela indica uma coisa

As duas se referem a uma coisa que não está lá

*Flurin com as palavras de muitos e era como um feitiço que, de certa maneira curava a dor, mediante o rito nomeia*

livros ≠ manuais

desprazeres internos ≠ desprazeres externos: não tratar da mesma forma, não se trata da "minha dor", mas da dor do mundo. (A arte como forma de tratar a dor) - Antônio Cândido, direito à literatura - humanização da dor

É um direito humano tudo aquilo que falta em permitir ser aquilo que se é.

ATIVIDADE

Diante desse impulso narcisista, a leitura propõe, por sua vez, um forte movimento de saída em direção ao exterior. Em princípio, ler é também um encontro com os outros, ou melhor, com as representações dos outros, e nesse sentido ler é aprender a conhecer as chaves dessa representação do outro. Ou deveria ser.

(Constantino Bértolo, *La cena de los notables*, Periférica, 2008, p.51)

mas  
"É preciso sair da ilha para ver a ilha" - Saramago

alteridade - todo ser humano social interage e interdepende do outro

### INTERSUBJETIVIDADE

reconhecer a aceitar a diferença  
que é do outro, diferente, distinto, relação de contato, distinção, diferença

leitura como lugar de tomada de consciência

### ALTERIDADE

reconhecer que o outro é diferente de você e vice-versa  
diferenciar individualidades

SER O OUTRO ≠ SE IDENTIFICAR COM O OUTRO

### IDENTIDADE

### SUBJETIVIDADE

mecanismos de controle

"a gente só controla nossa subjetividade em relação com o outro"  
Luiza Christov

A infância como um outro não é o objeto (ou o objetivo) do saber, mas é algo que escapa a qualquer objetivação e que se desvia de qualquer objetivo: não é o ponto de fixação do poder, mas aquilo que marca sua linha de declínio, seu limite exterior, sua absoluta impotência: não é o que está presente em nossas instituições, mas aquilo que permanece ausente e não-abrangível, brilhando sempre fora de seus limites. Assim, a alteridade da infância não significa que as crianças ainda resistam a serem plenamente capturáveis por nossos saberes, nossas práticas e nossas instituições; nem sequer significa que essa apropriação talvez nunca poderá realizar-se completamente. A alteridade da infância é algo muito mais radical: nada mais, nada menos que sua absoluta heterogeneidade em relação a nós e ao nosso mundo, sua absoluta diferença. E se a presença originária da infância é a presença de algo radical e irredutivelmente outro, tem-se a ideia da medida em que sempre nos escapa: na medida em que inquietava o que sabemos (e inquietava a soberba da nossa vontade de saber); na medida em que suspende o que podemos (e a arrogância da nossa vontade de poder) e na medida em que coloca em questão os lugares que construímos para ela (e a presença da nossa vontade de aborci-la). Aí está a vertigem: no como a alteridade da infância nos leva a uma região em que não comandam as medidas do nosso saber e do nosso poder.

me individualizo quando entro em contato com o outro

"O inferno são os outros"

SARTRE

"O paraíso são os outros"

5

### Castelo de Açúcar

Núcleo: Ilha das Abelhas Operárias  
O trabalho, A colaboração, O momento da maturidade, Confrontar-se com a necessidade de ajudar o outro para construir algo em comum que, de outra forma, seria impossível ser alcançado. O público é convidado a participar elaborando um trabalho artístico coletivo, que exige a participação do outro.

### MetaAmorPhosis

Núcleo: O Voo do Pombo  
Transcender, ir além, Alçar voo para poder ter uma visão ampliada do mundo. A descoberta do outro ao interno da própria vida leva a um novo estado mental e de consolidação, que permite uma transformação motivada pela busca da essência da vida. O amor: O verdadeiro gerador da metamorfose humana.

ISOLAMENTO

rituais - treinar o olhar e ver/a ter consciência. Te



"a ideia de duplicação diz respeito ao sistema binário, à dualidade, à... de forças". Segundo Nerval, o "homem é duplo" ou múltiplo, pois carrega a identidade é uma dualidade sujeita a "indefinidas ressonâncias e..."

Quando a satisfação do meu desejo se torna importante para o outro?

- quando ele te ama - Ketury
- quando preciso provar para o outro a minha importância, mas no inconsciente preciso provar minha importância a mim mesmo - Ane
- quando o outro se torna parte da gente - Camile
- quando o outro gosta muito de você - Julio Beltrão
- quando o outro se sente acolhido por mim - Monica
- quando sou querido pro outro e a satisfação desse desejo é possível - Carol Moreno
- Quando você manifesta claramente o desejo e diz como se sente com relação a ele - Nayara
- Quando também é o desejo do outro - Bárbara Moraes

8

### Big Fish

Núcleo: O Monstro Marinho  
Momento do confronto corpo a corpo com nossos "monstros" interiores. A necessidade de conhecê-los internamente e dominá-los para que possamos nos libertar de suas garras, que nos aprisionam e nos impedem de ver a luz natural.

"Quando ouvimos histórias projetamos nelas nossa experiência" ou "satisfação dos desejos" que provocam as invenções: "quanto mais desejo, mais invento o que vejo"

"o demônio não precisa existir para haver - a gente sabendo que ele não existe, aí é que ele toma conta de tudo" - Guimarães

## PROJEÇÕES

Na relação com o outro, ou... por que o livro-outro dá aqui

corpo projetor

a imagem nunca é uma coisa

a projeção no outro como caminho para se relacionar, padecer, se diferenciar e se tornar real.

a palavra é o som de um conceito

### O QUE É DUPLO?

(prisco)

→ LER É PERIGOSO! ... Dos perigos da literatura - "ler causa perturbações psíquicas" - Antônio Cândido

ouvido para enxergar além, no presente em que está vivendo. Ensinar a

ura deixa à deriva - é perigosa

"Porque o autor produziu aquilo?" - INTERSUBJ

Educar é o lugar de criar sempre, de inventar, de lidar com os mistérios

O que não é de forma alguma apreendido é o futuro; a exterioridade do futuro é totalmente distinta da exterioridade espacial justamente pelo fato de que o futuro é uma surpresa absoluta. A previsão do futuro e a projeção do futuro, tidas como o essencial do tempo por todas as teorias, de Bergson a Sartre, são apenas o presente do futuro e não o futuro autêntico; o futuro é o que não é apreendido, o que cai sobre nós e se apodera de nós. O futuro é o outro. A relação com o futuro é a própria relação com o outro.

comunicação  
consciência  
individuais,  
som as outras  
realizada com  
base na  
reciprocidade.

Emmanuel  
Levinas

Emmanuel Levinas · Le temps et l'autre

subjetividade colonizada

"Entenderam?" É difícil ficar com o vazio, com a não-resposta, com o não-significado, com o não-propósito. Precisamos sempre entender? O sentir não é suficiente ou, o entender prevaleceu sobre o sentir? Talvez o sentir nos leve ao entendimento (vem antes?), mas por que é tão difícil ficar com ele? Acho que a arte tem o papel de provocar nossos sentimentos (dores/emoções). Como a poesia. Nem sempre compreendo tudo que a poesia significa, mas de alguma forma aquelas palavras, da maneira que estão colocadas provocam em mim uma emoção. Conheço pessoas que não gostam de poesia justamente porque não a entendem. Se perguntam o significado e o propósito o tempo todo. Acho que para consumir arte a gente precisa abrir mão de entender tudo, de compreender significados, de ter propósitos. Pra consumir arte a gente precisa "ser bom" de aceitar o vazio, a não-resposta, a não-explicação.

A gente precisa conseguir conviver com os sentimentos que ela provoca, por isso muita gente foge dela. Vivemos numa sociedade onde a lógica prevalece sobre o sentir, onde tudo precisa ter uma explicação, uma necessidade de controle. De modo que consumir (experiência estética) arte equivale a abrir mão do controle.

IVIDADE

Diante desse impulso narcisista, a leitura propõe, por sua vez, um forte movimento de saída em direção ao exterior. Em princípio, ler é também um encontro com os outros, ou melhor, com as representações dos outros, e neste sentido ler é aprender a conhecer as chaves dessa representação do outro. Ou deveria ser.

(Constantino Bértolo, *La cena de los notables*, Periférica, 2008, p.51)

18

das &  
mas

"É preciso sair de ilha para ver a ilha" - Saramago

alteridade - todo ser humano social interage e interdepende do outro

INTERSUBJETIVIDADE

reconhecer e aceitar a diferença  
que é do outro  
diferente, distinto, relação de contraste, distinção, diferenças

ALTERIDADE

leitura como lugar de tomada de consciência

reconhecer que o outro é diferente de você e vice-versa  
diferenciar individualidades

SER O OUTRO

IDENTIDADE

SE IDENTIFICAR COM O OUTRO

SUBJETIVIDADE

- mecanismos de controle

A infância como um outro não é o objeto (ou o objetivo) do saber, mas é algo que escapa a qualquer objetivação e que se desvia de qualquer objetivo: não é o ponto de fixação do poder, mas aquilo que marca sua linha de declínio, seu limite exterior, sua absoluta impotência: não é o que está presente em nossas instituições, mas aquilo que permanece ausente e inabarcável, brilhando sempre fora de seus limites. Assim, a alteridade da infância não significa que as crianças ainda resistam a serem plenamente capturáveis por nossos saberes, nossas práticas e nossas instituições; nem sequer significa que essa apropriação talvez nunca poderá realizar-se completamente. A alteridade da infância é algo muito mais radical: nada mais, nada menos que sua absoluta heterogeneidade em relação a nós e ao nosso mundo, sua absoluta diferença. E se a presença enigmática da infância é a presença de algo radical e irredutivelmente outro, ter-se-á de pensar a medida em que sempre nos escapa: na medida em que inquietamos e que sabemos (e inquietamos a soberba da nossa vontade de saber); na medida em que suspendemos o que podemos (e a arrogância da nossa vontade de poder) e na medida em que colocamos em questão os lugares que construímos para ela (e a presunção da nossa vontade de abarcá-la). Al está a vertigem: no como a alteridade da infância nos leva a uma região em que não comandam as medidas do nosso saber e do nosso poder.

"a gente só controla nossa subjetividade em relação com o outro"  
Luiza Christov

subjetividade = episteme

me individualizo quando entro em contato com o outro

"O inferno são os outros"

SARTRE

"O paraíso são os outros"

5

4

Castelo de Açúcar

Núcleo: Ilha das Abelhas Operárias

O trabalho. A colaboração. O momento da malandragem. Confrontar-se com a necessidade de ajudar o outro para construir algo em comum que, de outra forma, seria impossível ser alcançado. O público é convidado a participar elaborando um trabalho artístico coletivo, que exige a participação do outro.

MetaAmorPhosis

Núcleo: O Voz do Pombo

Transcender. Ir além. Alçar voo para poder ter uma visão ampliada do mundo. A descoberta do outro ao interno da própria vida leva a um novo estado mental e de conscientização, que permite uma transformação motivada pela busca de essência da vida. O amor: o verdadeiro gerador da metamorfose humana.

ISOLAMENTO

rituais - treinar o olhar  
ver/ a ter consciência. Te

reguiça de sentir **Giuliano Tiesner**  
reguiça daquilo que nos causa incomodo  
ente também sente

- emoção como conhecimento verdadeiro

**Edmond Couchot**

ler, pensar, escrever e sentir

**Simone P.**

só sabe contar quem de fato sentiu

narrativa (outra experiência) ≠ experiência

(*luger de fala?*)

**QUAL A NOSSA EXPECTATIVA?**

"(...) E experiência estética é um modo radical de liberdade."

estética - romper com a anestesia - ser capaz de ser afetado

**Luiza C.**

Ação ≠ intenção: a literatura  
não pressupõe hierarquia,  
não é inata, não é apenas fruição,  
é a conquista, não existe um caminho,  
existem caminhos!



todos os caminhos levam ao real

só temos o caminho; as utopias, nunca as teremos

**Sobre as lacunas...** Gosto muito daquilo que o Duchamp fala no texto do "o Ato criador" que emoção ruim também é emoção. Da mesma forma, literatura ruim também é literatura. No texto "Como escolher boa literatura para crianças", Yolanda Reyes diz: "não queira acertar sempre. Ler é também equivocar-se", e fico me perguntando quantas vezes eu me permiti conhecer um livro sem a expectativa dele ser bom ou ruim. Geralmente a gente escolhe um livro ou um filme por meio de indicações nessa falsa ilusão de que assim asseguraremos a qualidade da experiência. A gente também esquece que o que é bom pra um pode não ser para o outro e reduzimos bastante a possibilidade de conhecer coisas diferentes, que vão além da nossa bolha. Será que essas experiências sempre asseguradas também não nos deixa "mimados" e pouco abertos a diversidade? Nesse sentido, Yolanda também fala "não pretenda conhecer tudo". Não esqueço de uma história que o Sílvia (diretor do São Domingos) contou uma vez, em que o personagem, na ânsia de ler todos os livros que existem, começou pela letra "A" do estante de uma biblioteca. Ou seja, é possível conhecer todos? O que ele garante com esse critério de ordem? Será que assim ele garante que vai conhecer diferentes estilos, diferentes autores, diferentes culturas? Será que esse é melhor critério? Melhor assumir que nunca seremos capazes de conhecer tudo e se permitir a deriva, de experimentarmos aquilo que tem sentido em nossas vidas.

**QUAL AUTOR VOCE AINDA NÃO DESCOBRIU?**

**Juan José Saer**  
Abri

# EXPERIÊNCIA



"Porque o autor produziu aquilo?" - IN 19

Educar é o lugar de criar sempre, de inventar, de lidar com os mistérios

O que não é de forma alguma apreendido é o futuro; a exterioridade do futuro é totalmente distinta da exterioridade espacial justamente pelo fato de que o futuro é uma surpresa absoluta. A previsão do futuro e a projeção do futuro, tidas como o essencial do tempo por todas as teorias, de Bergson a Sartre, são apenas o presente do futuro e não o futuro autêntico; o futuro é o que não é apreendido, o que cai sobre nós e se apodera de nós. O futuro é o outro. A relação com o futuro é a própria relação com o outro.

Emmanuel Levinas - *Le temps et l'autre*

comunicação  
consciências  
individuais,  
sem as outras  
realizada com  
base na  
reciprocidade.

**Emmanuel Levinas**

subjetividade colonizada

"Entenderam?" É difícil ficar com o vazio, com a não-resposta, com o não-significado, com o não-propósito. Precisamos sempre entender? O sentir não é suficiente ou, o entender prevaleceu sobre o sentir? Talvez o sentir nos leve ao entendimento (vem antes?), mas por que é tão difícil ficar com ele? Acho que a arte tem o papel de provocar nossos sentimentos (dores/emoções). Como a poesia. Nem sempre compreendo tudo que a poesia significa, mas de alguma forma aquelas palavras, da maneira que estão colocadas provocam em mim uma emoção. Conheço pessoas que não gostam de poesia justamente porque não a entendem. Se perguntam o significado e o propósito o tempo todo. Acho que para consumir arte a gente precisa abrir mão de entender tudo, de compreender significados, de ter propósitos. Pra consumir arte a gente precisa "ser bom" de aceitar o vazio, a não-resposta, a não-explicação.

A gente precisa conseguir conviver com os sentimentos que ela provoca, por isso muita gente foge dela. Vivemos numa sociedade onde a lógica prevalece sobre o sentir, onde tudo precisa ter uma explicação, uma necessidade de controle. De modo que consumir (experiência estética) arte equivale a abrir mão do controle.

- Se a leitura é uma experiência como qualquer outra, quer dizer que, assim como devemos oferecer às palavras lidas nossas contrapalavras, da mesma forma, devemos oferecer às experiências que vivenciamos as experiências que carregamos conosco, que já estão em nós.
- Se a leitura é um diálogo, isso pressupõe que o leitor não pode exercer um lugar de passividade perante o texto. O leitor não é um receptáculo de informações e sim, alguém que interage e se posiciona em relação ao texto. O mesmo deve acontecer com outras experiências.
- Diante disso tudo, é possível compreender os motivos que me levam muitas vezes a procrastinar uma leitura: é porque o texto quer conversar comigo e ele exige que eu não apenas me identifique e reflita sobre ele, mas também que eu o questione e que eu me posicione sobre ele, mesmo que isso signifique discordar! (Assim como nas relações, eu tenho medo de discordar do texto? Se sim, porquê?). Para apreender e assimilar do livro não podemos deixar as palavras intactas. Depois de tanto tempo achando que eu só devia aceitar o conhecimento transmitido, será que eu ainda sei duvidar? Será que eu ainda sei questionar?

Essa compreensão sobre a leitura pode ser aplicada na vida como um todo!



CONCORDÂNCIA NÃO É REPRODUZIR

CONFLITO (arte, desestabilização) RESISTÊNCIA

O texto não espera do leitor passividade, concordância e aceitação. Ele espera as contra-palavras

Reversal - O leitor crítico será aquele que se afirma e se reconhece como parte do processo de produção de sentidos. Ele não temia simplesmente a palavra alheia e a reproduz, mesmo quando concordava com o autor do texto, dirige a ele, mas contra-palavra, arrastando para si o que foi anunciado por outro

Trata-se, porém, de uma passividade anterior à oposição entre ativo e passivo, de uma passividade feita de paixão, de padecimento, de paciência, de atenção, como uma receptividade primeira... como uma abertura... LARANJA



### Memória, Entendimento e Vontade das Marionetes

Núcleo: Teatro das Marionetes

O jovem bonico de madeira, apenas começa a caminhar sozinho, sente-se "grande o suficiente" a foge de casa, curioso para conhecer o mundo que o cerca. Encontra no Teatro das Marionetes "sua" turma, e, como um adolescente comum, disposto a tudo para fazer parte do grupo, acaba por esquecer seus bons propósitos de vida.

No processo de aprendizado

reguiça de sentir *Giuliano Tischer*  
reguiça daquilo que nos causa incomodo  
ente também sente

- emoção como conhecimento verdadeiro

*Edmond Couchot*

ler, pensar, escrever e sentir

*Simone P.*

só sabe contar quem de fato sentiu

narrativa (outra experiência) ≠ experiência

(*lugar de fala*)  
QUAL A NOSSA EXPECTATIVA?

"(...) E experiência estética é um modo radical de liberdade."

estética - romper com a anestesia - ser capaz de ser afetado

*Luiza C.*  
Ação ≠ intenção: a literatura não pressupõe hierarquia, não é imata, não é apenas fruição, é a conquista, não existe um caminho, existem caminhos!



todos os caminhos levam ao real

só temos o caminho; as utopias, nunca as teremos

**Sobre as lacunas...** Gosto muito daquilo que o Duchamp fala no texto do "o Ato criador" que emoção ruim também é emoção. Da mesma forma, literatura ruim também é literatura. No texto "Como escolher boa literatura para crianças", Yolanda Reyes diz "não queira acertar sempre. Ler é também equivocar-se", e fico me perguntando quantas vezes eu me permito conhecer um livro sem a expectativa dele ser bom ou ruim. Geralmente a gente escolhe um livro ou um filme por meio de indicações nessa falsa ilusão de que assim asseguraremos a qualidade da experiência. A gente também esquece que o que é bom pra um pode não ser para o outro e reduzimos bastante a possibilidade de conhecer coisas diferentes, que vão além da nossa bolha. Será que essas experiências sempre asseguradas também não nos deixa "mimados" e pouco abertos a diversidade? Nesse sentido, Yolanda também fala "não pretenda conhecer tudo". Não esqueço de uma história que o Silvío (diretor do São Domingos) contou uma vez, em que o personagem, na ânsia de ler todos os livros que existem, começou pela letra "A" da estante de uma biblioteca. Ou seja, é possível conhecer todos? O que ele garante com esse critério de ordem? Será que assim ele garante que vai conhecer diferentes estilos, diferentes autores, diferentes culturas? Será que esse é melhor critério? Melhor assumir que nunca seremos capazes de conhecer tudo e se permitir a deriva, de experimentarmos aquilo que tem sentido em nossas vidas.

QUAL AUTOR VOCE

AINDA NÃO DESCOBRIU?

*Juan José Saer*

# EXPERIÊNCIA



spinoza - conhecimento passa pelo corpo

Escutar a experiência das pessoas com os livros, a maneira que cada um tem de se relacionar com esse objeto, mesmo vindas de lugares diferentes. O livro é quase como um parte de seus corpos, um membro vital, uma continuidade da existência das pessoas.

audio

BEBÊS LÊEM COM OS PÉS

fala daquilo que é indizível inefável

# CORPO

MATÉRIA-VIDA - cada livro é um pedaço da gente.

Devolutiva Júlie

Acho que você é uma menina chegada em sutilezas e me mostra que não é preciso muito para dizer tanto. A experiência com ambos os livros começa no manuseio, no jeito que você os acolhe nas mãos. No princípio, eles cabem dentro delas. Mas não me engano, que apesar de miúdos e delicados, são muito fluidos e acabam escorrendo pelos dedos no abre fecha das páginas. Isso me fez lembrar da expressão em "Cajuína" que diz "a matéria vida era tão fina" (no sentido da altura do livro).

O conteúdo é intenso, forte. Mas, tudo bem, porque o papel macio com algodão dá suporte e nele se pode dizer essas coisas, ele aguenta quase tudo.

O texto, por sua vez, não só diz como também atravessa. O bordado, assim como a caminhada que proporciona experiência, deixa marcas, abre fendas e atinge as profundidades do papel.

Como será seu avesso? Quando leio seus livros sinto que caminho pela linha porque ela dura um tempo. É um percurso que dá acesso a diferentes destinos. Fiquei me perguntando qual deles ando percorrendo mais.

OU, É AGENTE INTEIRA

# LIVRO

Devolutiva Cidinha

O título me faz pensar na diferença que existe entre o dia como o vemos, o dia como o sentimos e entre outras possibilidades de apreensão e compreensão do dia. Eu nunca tinha parado para pensar nisso, na maneira como compreendo esse fragmento de tempo. O livro vem embrulhado numa materialidade translúcida, que ao mesmo tempo oculta e permite a entrada de luz. Essa mesma materialidade que nos deixa ver em partes aparece em outros momentos do livro. Será que é assim que a gente vê o dia? Em partes? Será que não estamos vendo sua totalidade? No manuseio do livro me identifico com cores, personagens e figuras conhecidas do meu imaginário. Durante a leitura, o meio e as figuras se modificam, transitam, desaparecem e surgem.

O dia anoitece. E os encontros ensolarados se transformam na solidão noturna... Felizmente, o dia é um ciclo! Além disso, as páginas estão soltas e a gente sempre pode mudar a sequência das coisas. Nos cabe a escolha.

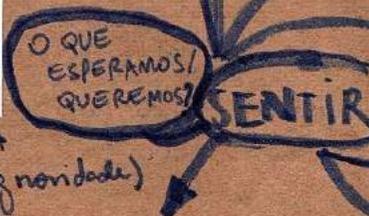
Por fim, ainda refletindo sobre o dia como fragmento de tempo, pensei nele como parcela de vida ou como uma vida inteira. Nesse sentido, fiquei me perguntando como ando aproveitando esse tempo, se eu o vejo e se eu o sinto.

# OUTRO?

as vezes o livro/história parece um ser vivo que se mexe e se move  
... enquanto você querendo te jogar pra fora

- Se a leitura é uma experiência como qualquer outra, quer dizer que, assim como devemos oferecer às palavras lidas nosas contrapalavras, da mesma forma, devemos oferecer às experiências que vivenciamos as experiências que carregamos conosco, que já estão em nós.
- Se a leitura é um diálogo, isso pressupõe que o leitor não pode exercer um lugar de passividade perante o texto. O leitor não é um receptáculo de informações e sim, alguém que interage e se posiciona em relação ao texto. O mesmo deve acontecer com outras experiências.
- Diante disso tudo, é possível compreender os motivos que me levam muitas vezes a procrastinar uma leitura: é porque o texto quer conversar comigo e ele exige que eu não apenas me identifique e reflita sobre ele, mas também que eu o questione e que eu me posicione sobre ele, mesmo que isso signifique discordar! (Assim como nas relações, eu tenho medo de discordar do texto? Se sim, porquê?). Para apreender e assimilar do livro não podemos deixar as palavras intactas. Depois de tanto tempo achando que eu só devia aceitar o conhecimento transmitido, será que eu ainda sei duvidar? Será que eu ainda sei questionar? Essa compreensão sobre a leitura pode ser aplicada na vida como um todo!

VER LARROSA



CONCORDÂNCIA (que não traz novidade)

CONFLITO (arte, desestabilização) RESISTÊNCIA

CONCORDAR NÃO É REPRODUZIR

O texto não espera do leitor passividade, concordância e aceitação. Ele espera as contra-palavras

Perceival - O leitor crítico será aquele que se afirma e se reconhece como parte do processo de produção de sentido. Ele não toma simplesmente a palavra alheia e a reproduz, mesmo quando concorda com o autor do texto, dirige a ele, mas contrapalavra, arrebatando para si o que foi anunciado por outros

Trata-se, porém, de uma passividade anterior à oposição entre ativo e passivo, de uma passividade feita de paixão, de padecimento, de paciência, de atenção, como uma receptividade primeira... como uma abertura... LARROSA



## Memória, Entendimento e Vontade das Marionetes

Título: Teatro das Marionetes

O jovem boneco da madeira, apenas começa a caminhar sozinho, sente-se "grande o suficiente" e foge de casa, curioso para conhecer o mundo que o cerca. Encontra no Teatro das Marionetes "sua" turma, e, como um adolescente comum, disposto a tudo para fazer parte do grupo, acaba por esquecer seus bons propósitos de vida.

No processo de aprendizado

# QUE NOS PERMITE PERCEBER A VERDADE?

Algo que corresponde com exatidão à realidade, que está correto, que é indiscutível. Alguns artistas contemporâneos se interessam em investigar com suas produções as ideias que tomamos como verdade absoluta, mostrando que um mesmo fato pode ser visto por diferentes pontos de vista, existindo assim mais de uma verdade.

picasso

PINÓQUIO ERA UM MENINO DE MENTIRA (BONECO) DU, AS PESSOAS AO SEU REDOR NÃO ERAM CAPAZES DE ESCUTAR SUA VERDADE

"a busca da verdade ... exige a renúncia a toda vontade de saber e de poder, a toda vontade de domínio"

# VERDADE

não saber algo ou a ideia de "erro" pressupõe um modelo seria o "certo". Quem determina o que é certo? Com que autoridade? Quem define o que é cãnone? Quem define o que é verdade?

## ÉTICA

Verdade ética - aquela que interessa a todos e elimina a exclusão

Tem a ver com agir de acordo com o que você pensa, sente e acredita.

A palavra precisa caber na sua boca - ética com aquilo que se diz.

"Uma mãe leu o filho até Mahatma Gandhi e implorou-lhe:  
- Por favor, Mãia Mã, diga a meu filho para não comer mais açúcar...  
Depois de uma pausa, Gandhi pediu à mãe:  
- Traga meu filho de volta daqui a duas semanas. Duas semanas depois, ele voltou com o filho.  
Gandhi olhou bem no fundo dos olhos do garoto e lhe disse:  
- Não come açúcar...  
Agradeça, porém perplexa, a mãe lhe perguntou a Gandhi:  
- Por que me pediu duas semanas? Podia ter dito a mesma coisa e ele antes!  
E Gandhi respondeu-lhe:  
- Há duas semanas, eu estava correndo açúcar." A.C.D.A.

# BEBÊS LÊEM COM OS PÉS

spinoza - conhecimento passa pelo corpo

Escutar a experiência da das pessoas com os livros, a maneira que cada um tem de se relacionar com esse objeto, mesmo vindas de lugares diferentes. O livro é quase como um membro de seus corpos, um membro vital, uma continuidade da existência das pessoas. audio

# CORPO

fala daquilo que é indiscutível e infalível

## MATÉRIA-VIDA

- cada livro é um pedaço da gente.

OU, É AGENTE INTEIRA

Devolutiva Júlia

Acho que você é uma menina chegada em sutilezas e me mostra que não é preciso muito para dizer tanto. A experiência com ambos os livros começa no manuseio, no jeito que você os acolhe nas mãos. No princípio, eles cabem dentro delas. Mas não me engano, que apesar de miúdos e delicados, são muito fluidos e acabam escorrendo pelos dedos no abre fecha das páginas. Isso me fez lembrar da expressão em "Cajuína" que diz "a matéria vida era tão fina" (no sentido da altura do livro).  
O conteúdo é intenso, forte. Mas, tudo bem, porque o papel macio com algodão dá suporte e nele se pode dizer essas coisas, ele aguenta quase tudo.  
O texto, por sua vez, não só diz como também atravessa. O bordado, assim como a caminhada que proporciona experiência, deixa marcas, abre fendas e atinge as profundidades do papel.  
Como será seu avesso?  
Quando leio seus livros sinto que caminho pela linha porque ela dura um tempo. É um percurso que dá acesso a diferentes destinos. Fiquei me perguntando qual deles ando percorrendo mais.

# LIVRO

as regras o livro / história parece um jogo que se joga pra fora

# OUTRO?

Devolutiva Cidinha

O título me faz pensar na diferença que existe entre o dia como o vemos, o dia como o sentimos e entre outras possibilidades de apreensão e compreensão do dia. Eu nunca tinha parado para pensar nisso, na maneira como compreendo esse fragmento de tempo. O livro vem emburilhado numa materialidade translúcida, que ao mesmo tempo oculta e permite a entrada de luz. Essa mesma materialidade que nos deixa ver em partes aparece em outros momentos do livro. Será que é assim que a gente vê o dia? Em partes? Será que não estamos vendo sua totalidade? No manuseio do livro me identifico com cores, personagens e figuras conhecidas do meu imaginário. Durante a leitura, o meio e as figuras se modificam, transitam, desaparecem e surgem.  
O dia anoitece. E os encontros ensolarados se transformam na solidão noturna... Felizmente, o dia é um ciclo! Além disso, as páginas estão soltas e a gente sempre pode mudar a sequência das coisas. Nos cabe a escolha.  
Por fim, ainda refletindo sobre o dia como fragmento de tempo, pensei nele como parcela de vida ou como uma vida inteira. Nesse sentido, fiquei me perguntando como ando aproveitando esse tempo, se eu o vejo e se eu o sinto.

# A ARTE É A MENTIRA

o papel do artista é convencer os outros da veracidade de suas mentiras

"Pode-se dizer que "mentira" talvez seja tão própria à arte quanto o próprio ato de criar imagens. Certa vez, Pablo Picasso disse que a "arte é a mentira que nos permite conhecer a verdade". Paul Klee teria dito que "o papel do artista é convencer os outros da veracidade de suas mentiras". Mentira pode ser ilusão, fantasia ou fazer o outro acreditar, simplesmente." *Mentira de Artista - F.O.*

Fabrizio Moreais - Eu-mentira



"a fantasia de poder mentir e mentir-se e construir mundos fantásticos, e sofrer a dor e a alegria de ser outro, sempre sendo o mesmo". *Barthelme em Perceval.*

## MENTIRA

nos registros históricos tem sempre lacunas - a ficção nasce nas lacunas dos registros históricos

Interessa para nós pensar sobre "fake". O conceito levado por Welles em seu documentário ficcional não se refere simplesmente ao que é falso, mas a um estado híbrido entre ficção e realidade. Desta forma, o pesquisador italiano Massimo Canavacci, na abertura do encontro "F for Real", realizado em 2013 em São Paulo, defende que Welles, em F for fake, elabora uma visão na qual o conceito de fake é uma mistura de falso e verdadeiro, pelo qual se poderia dizer que qualquer tipo de manifestação no campo da arte ao mesmo tempo em que não é real, também não é totalmente falsa, mas, sim, uma mistura transitiva. No mesmo encontro, a curadora italiana Claudia Attimonelli sublinha que a ideia de "fake" traz consigo certa aura de atração que é desvelada no momento em que determinada fatura se mostra como fake. Para a pesquisadora, o fake não quer ser verdadeiro - ao contrário do falso - mas, sim, busca um estado de "falso-verdadeiro" ou "verdadeiro-falso".



# QUE NOS PERMITE PERCEBER A VERDADE?

Algo que corresponde com exatidão à realidade, que está correto, que é indiscutível. *Picasso*  
Alguns artistas contemporâneos se interessam em investigar com sua produção as ideias que tomamos como verdade absoluta, mostrando que um mesmo fato pode ser visto por diferentes pontos de vista, existindo assim mais de uma verdade.

PINÓQUIO ERA UM MENINO DE MENTIRA (BONECO) OU, AS PESSOAS AO SEU REDOR NÃO ERAM CAPAZES DE ESCUTAR SUA VERDADE

## VERDADE

"a busca da verdade... exige a renúncia a toda vontade de saber e de poder, a toda vontade de domínio"

não saber algo ou a ideia de "erro" pressupõe um modelo seria o "certo". Quem determina o que é certo? Com que autoridade? Quem define o que é canone? *Quem define o que é verdade?*

Verdade **ética**: aquela que interessa a todos e elimina a exclusão

Tem a ver com agir de acordo com o que você pensa, sente e acredita.  
A palavra precisa caber na sua boca - ética com aquilo que se diz.

### ÉTICA

"Uma mãe levou o filho até Mahatma Gandhi e implorou-lhe:  
- Por favor, Moha ma, diga a meu filho para não comer mais açúcar.  
Depois de uma pausa, Gandhi pediu à mãe:  
- Traga seu filho de volta daqui a duas semanas. Duas semanas depois, ele voltou com o filho. Gandhi olhou bem no fundo dos olhos do garoto e lhe disse:  
- Não come açúcar...  
Agradecida, porém perplexa, a mãe perguntou a Gandhi:  
- Por que me pediu duas semanas? Podia ter dito a mesma coisa e ele antes!  
E Gandhi respondeu-lhe:  
- Há duas semanas, eu estava correndo açúcar!" *A.C.O.A.*

# QUE NOS PERMITE PERCEBER A VERDADE?

Algo que corresponde com exatidão à realidade, que está correto, que é indiscutível. Alguns artistas contemporâneos se interessam em investigar com sua produção as ideias que tomamos como verdade absoluta, mostrando que um mesmo fato pode ser visto por diferentes pontos de vista, existindo assim mais de uma verdade.

ficamos

PINÓQUIO ERA UM MENINO DE MENTIRA (BONECO) OU, AS PESSOAS AO SEU REDOR NÃO ERAM CAPAZES DE ESCUTAR SUA VERDADE

# VERDADE

"a busca da verdade... exige a renúncia a toda vontade de saber e de poder, a toda vontade de domínio"

não saber algo ou a ideia de "erro" pressupõe um modelo seria o "certo". Quem determina o que é certo? Com que autoridade? Quem define o que é cãnone? Quem define o que é verdade?

## ÉTICA

Verdade ética: aquela que interessa a todos e elimina a exclusão

Tem a ver com agir de acordo com o que você pensa, sente e acredita.

A palavra precisa caber na sua boca - ética com aquilo que se diz.

"Uma mãe levou o filho até Mahatma Gandhi e implorou-lhe:  
- Por favor, Mahá ma, diga a meu filho para não comer mais açúcar.  
Depois de uma pausa, Gandhi pediu à mãe:  
- Traga meu filho de volta daqui a duas semanas. Duas semanas depois, ele voltou com o filho. Gandhi o chamou bem no fundo dos olhos e perguntou-lhe:  
- Não come açúcar...  
Agradeceu, porém perplexa, a mãe lhe perguntou a Gandhi:  
- Por que me pediu duas semanas? Podia ter dito a mesma coisa a ele antes!  
E Gandhi respondeu-lhe:  
- Há duas semanas, eu estava correndo açúcar"  
A.C.O.A.

# POR QUE FALAR?

- escrever sobre aquilo que me chama
  - o autor fala de onde ele está - contexto
  - narrativa = confissão
  - ensino = confesso
- por meio do livro ilustrado é possível falar sobre qualquer coisa

Livro ilustrado é uma forma de escrita

"A gente narra pra existir"

(Homens das cavernas foram REAL) desenharam/narraram o caso porque acreditavam que assim da existência)

FABULAR = FALAR

pegar origem da palavra

"Como é necessária mesmo a elaboração acadêmica para a aquisição/entendimento de uma ação que se dá pela urgência da realidade, antes de qualquer justificativa intelectual" - Konrad Nida

"Por isso se escreve, por isso se diz, por isso se publica, por isso se declara e declama um poema: Para guardá-lo:

Para que ele, por sua vez, guarde o que guarda:

Guarde o que quer que guarda sem poema:

Por isso o lance do poema: for guardar-se o que se quer GUARDAR."

GUARDAR A ESCUTA DO MUNDO

quem você pára pra ouvir?



## Sombras de Passagem

Núcleo: Transformação de Pinóquio

A transformação definitiva do Pinóquio em menino de carne e osso (e coração), Uma viagem imersiva da verdade da fábula à realidade do mundo por meio de uma cenografia sugestiva, na qual o visitante é diretamente envolvido no processo de transformação interior, que permite um reencontro com o próprio eu.

[?] A experiência, e não a verdade, é o que dá sentido à escritura. Digamos, com Foucault, que escrevemos para transformar o que sabemos e não para transmitir o já sabido. Se alguma coisa nos anima a escrever é a possibilidade de que esse ato de escritura, essa experiência em palavras, nos permita liberar-nos de certas verdades, de modo a deixarmos de ser o que somos para ser outra coisa, diferentes do que fomos sendo.  
Jorge Larrosa, Tremores, p.5

# POR QUE FALAR?

escrever sobre aquilo que me chama

o autor fala de onde ele está - contexto

narrativa = confissão

ensino = confesso

por meio do livro ilustrado é possível falar sobre qualquer coisa

Livro ilustrado é uma forma de escrita

"A GENTE NADA PRA EXISTIR"

(Homens das cidades <sup>guardar</sup> ~~formas~~ (REAL) desenvolveram/narraram o caos porque acreditavam que assim ela existia)

FABULAR = FALAR

pegar origem da palavra

como é necessária mesmo a elaboração acadêmica para a aceitação/entendimento de uma ação que se dá pela urgência da realidade, antes de qualquer justificativa intelectual. - Nonita Nado.

... Por isso se escreve, por isso se diz, por isso se publica, por isso se declara e declama um poema: Para guardá-lo:

Para que ele, por sua vez, guarde o que guarda:

Guarde o que quer que guarda sem poema:

Por isso o lance do poema: Por guardar-se o que se quer GUARDAR."

GUARDAR A ESCUTA DO MUNDO

quem vai para pra quem?

## Sombras de Passagem

Núcleo: Transformação de Pinóquio

A transformação definitiva de Pinóquio em menino de carne e osso (e cotão!). Uma viagem imersiva da verdade da fábula à realidade do mundo por meio de uma cenografia sugestiva, na qual o visitante é diretamente envolvido no processo de transformação interior, que permite um reencontro com o próprio eu.

[7] A experiência, e não a verdade, é o que dá sentido à escritura. Digamos, com Foucault, que escrevemos para transformar o que sabemos e não para transmitir o já sabido. Se alguma coisa nos anima a escrever é a possibilidade de que esse ato de escritura, essa experiência em palavras, nos permita liberar-nos de certas verdades, de modo a deixarmos de ser o que somos para ser outra coisa, diferentes do que fomos sendo.

Jorge Larrosa, Tremores, p.5

## Resenha-afetiva | Pinóquio: o livro das pequenas verdades, de Alexandre Rampazo

Por meio do cuidadoso diálogo entre texto e imagem, o autor paulistano Alexandre Rampazo nos apresenta Pinóquio, personagem mundialmente conhecido, numa nova perspectiva. A versão original das aventuras do boneco de madeira (ou seriam desventuras?) escrita pelo italiano Carlo Collodi, foi publicada pela primeira vez em livro no ano de 1883. Mais de um século depois, é revisitada por Rampazo em "Pinóquio: o livro das pequenas verdades", lançado em 2019, na cidade de São Paulo, pelo selo Boltatá, da Editora Boitempo.

Na história, o narrador descreve aquilo que o personagem pensa e sente quando vê seu próprio reflexo. A estrutura da narrativa se constrói a partir desse momento e é materializada no objeto-livro que reproduz página a página o efeito de um espelho.

Pinóquio que originalmente foi rotulado como manipulável, desobediente e preguiçoso agora tem sua natureza humana desvelada a medida que busca significar sua existência.

Quando se vê refletido, não lhe parece suficiente ser um boneco de madeira. Passa então a idealizar em sua imagem diferentes identidades. Quanto mais ele deseja ser o outro, mais se distingue e se aproxima de sua ancestralidade verdadeira.

Mas, afinal, quem nunca quis se parecer com o outro e nele reconhecer algo comum? Será que somos tão diferentes assim? Através do olhar sem julgamentos do narrador pude finalmente me ver refletida no personagem.

O livro das pequenas verdades narra a história de uma vida que pode ser a minha, a de Pinóquio ou a de qualquer pessoa. Ele mostra o exercício de olhar para dentro de si, de traçar seu próprio caminho e de aceitar aquilo que se é.

Para mim especialmente, reflete uma busca que vem ganhando contorno desde o ano passado. Assim como as experiências vividas por Pinóquio, o contato com a matéria-vida dos livros ilustrados também vem desvelando pouco a pouco minha natureza humana e significando minha existência.

Essa obra representa um marco na minha trajetória porque responde à perguntas que venho fazendo desde que questioneei as razões que me levaram a esse estudo. São elas: "o quê da vida da gente não é só da vida da gente, mas da vida de todo mundo?" e "como transformar emoção em conhecimento verdadeiro?". Essa obra foi capaz de construir uma ponte entre aquilo que eu sinto e aquilo que quero compartilhar com o outro.

"Pinóquio: o livro das pequenas verdades" evoca um desejo que não é exclusivamente meu, mas de todos nós. Desejo esse que só poderá realizar aquele que tiver coragem para enfrentar medos, dores e incertezas: a construção de uma subjetividade por meio da busca pela própria identidade.

O trabalho de Alexandre Rampazo, autor contemplado com importantes prêmios literários como o Prêmio Jabuti; Prêmio FNLIJ, entre outros, se faz ainda mais relevante nesse estudo não só por agregar significados e possibilidades de interpretação para o clássico do século 19 mas também porque dialoga com o contexto em que vivemos. Através dele podemos compreender que a realidade em que nos inserimos está diretamente relacionada a compreensão que temos de nós mesmos, individual e coletivamente. Podemos refletir, por exemplo, sobre a nossa relação com a natureza, sobre nossas origens enquanto povo brasileiro, sobre os diferentes papéis que exercemos na sociedade. Ailton Krenak nos lembra que, "se as pessoas não tiverem vínculos profundos com sua memória ancestral, com as referências que dão sustentação a uma identidade, vão ficar loucas neste mundo maluco que compartilhamos". É aceitando aquilo que somos que poderemos assumir ou não uma atitude em relação a realidade que se apresenta, e como diria Paulo Freire "sem um senso de identidade, não pode haver luta real".

## Resenha-afetiva | Pinóquio: o livro das pequenas verdades, de Alexandre Rampazo

Por meio do cuidadoso diálogo entre texto e imagem, o autor paulistano Alexandre Rampazo nos apresenta Pinóquio, personagem mundialmente conhecido, numa nova perspectiva. A versão original das aventuras do boneco de madeira (ou seriam desventuras?) escrita pelo italiano Carlo Collodi, foi publicada pela primeira vez em livro no ano de 1883. Mais de um século depois, é revisitada por Rampazo em "Pinóquio: o livro das pequenas verdades", lançado em 2018, na cidade de São Paulo, pelo selo Boitatá, da Editora Boitempo.

Na história, o narrador descreve aquilo que o personagem pensa e sente quando vê seu próprio reflexo. A estrutura da narrativa se constrói a partir desse momento e é materializada no objeto-livro que reproduz página a página o efeito de um espelho.

Pinóquio que originalmente foi rotulado como manipulável, desobediente e preguiçoso agora tem sua natureza humana desvelada a medida que busca significar sua existência.

Quando se vê refletido, não lhe parece suficiente ser um boneco de madeira. Passa então a idealizar em sua imagem diferentes identidades. Quanto mais ele deseja ser o outro, mais se distingue e se aproxima de sua ancestralidade verdadeira.

Mas, afinal, quem nunca quis se parecer com o outro e nele reconhecer algo comum? Será que somos tão diferentes assim? Através do olhar sem julgamentos do narrador pude finalmente me ver refletida no personagem.

O livro das pequenas verdades narra a história de uma vida que pode ser a minha, a de Pinóquio ou a de qualquer pessoa. Ele mostra o exercício de olhar para de dentro de si, de traçar seu próprio caminho e de aceitar aquilo que se é.

Para mim especialmente, reflete uma busca que vem ganhando contorno desde o ano passado. Assim como as experiências vividas por Pinóquio, o contato com a matéria-vida dos livros ilustrados também vem desvelando pouco a pouco minha natureza humana e significando minha existência.

Essa obra representa um marco na minha trajetória porque responde à perguntas que venho fazendo desde que questioneei as razões que me levaram a esse estudo. São elas: "o quê da vida da gente não é só da vida da gente, mas da vida de todo mundo?" e "como transformar emoção em conhecimento verdadeiro?". Essa obra foi capaz de construir uma ponte entre aquilo que eu sinto e aquilo que quero compartilhar com o outro.

"Pinóquio: o livro das pequenas verdades" evoca um desejo que não é exclusivamente meu, mas de todos nós. Desejo esse que só poderá realizar aquele que tiver coragem para enfrentar medos, dores e incertezas: a construção de uma subjetividade por meio da busca pela própria identidade.

O trabalho de Alexandre Rampazo, autor contemplado com importantes prêmios literários como o Prêmio Jabuti; Prêmio FNLIJ, entre outros, se faz ainda mais relevante nesse estudo não só por agregar significados e possibilidades de interpretação para o clássico do século 19 mas também porque dialoga com o contexto em que vivemos. Através dele podemos compreender que a realidade em que nos inserimos está diretamente relacionada a compreensão que temos de nós mesmos, individual e coletivamente. Podemos refletir, por exemplo, sobre a nossa relação com a natureza, sobre nossas origens enquanto povo brasileiro, sobre os diferentes papéis que exercemos na sociedade. Ailton Krenak nos lembra que, "se as pessoas não tiverem vínculos profundos com sua memória ancestral, com as referências que dão sustentação a uma identidade, vão ficar loucas neste mundo maluco que compartilhamos". É aceitando aquilo que somos que poderemos assumir ou não uma atitude em relação a realidade que se apresenta, e como diria Paulo Freire "sem um senso de identidade, não pode haver luta real".

1881 - publicado em jornal  
1883 - publicado em livro

CARLO  
COLLODI

# PINÓQUIO

26

Acerto/erro - agregação de valores

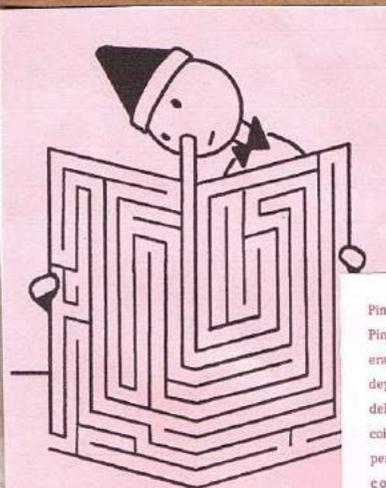
Confronto com a lei não é determinante no processo de humanização de Pinóquio. O processo de humanização e aprendizado (aventuras e desventuras) se realiza por meio do afeto e amor por Gepeto e pela Fada. "Querer o bem com demais força, de inerte jeito, pode já estar sendo requerendo o mal, por principiar." "Recalcar as pulsões é o movimento existencial que o sujeito faz para garantir o amor dos pais" - sociedade repressora ou reconciliadora?

- gênero infantil - caráter moralista / pedagógico ✓ desenvolvimento  
(escrito originalmente para crianças) ≠ DES-ENVOLVIMENTO

- Boneco de madeira que já possui vida antes mesmo de ter uma forma, precisa passar por uma trajetória para adquirir a natureza humana, sua natureza não é "essencialmente boa".

- Cidades: pequena aldeia, teatro como fogo (soberania), cidade dos pega trouxas (inversão dos valores e exploração), Ilha das abelhas (trabalho), cidade das brincadeiras - negação da escola (anomia) - meninos brincam sozinhos

o AUTOMATOS (Frankstein, Mãe de Oz, Emilia)  
≠ SER HUMANO  
(natureza humana ≠ natureza social)



Pinóquio é uma lacuna da minha infância. Depois de adulta, li e relei uma dezena de vezes o Pinóquio de Alexandre Rampazo. Igual quando a gente é criança. Uma vez seguida da outra eu era capaz de chorar, mesmo já sabendo o que ia ser dito. Doeu tanto que precisei me afastar, depois li novamente, e de novo, e de novo. Dá aquela sensação de ir-se apoderando da história, dela ser cada vez mais sua, de você ser cada vez mais dela, de você e a história serem a mesma coisa. O prazer que isso dá! Esse é um livro perigoso pra mim, me causa muita dor. Preciso pensar bastante antes de lê-lo, escolher o momento e o lugar certo, porque não consigo controlar o que vem junto com ele.

era uma vez...

Pinó  
quio  
uma bela arte

Expo SESC Belém 2012

1881 - publicado em jornal  
1883 - publicado em livro



# PINÓQUIO

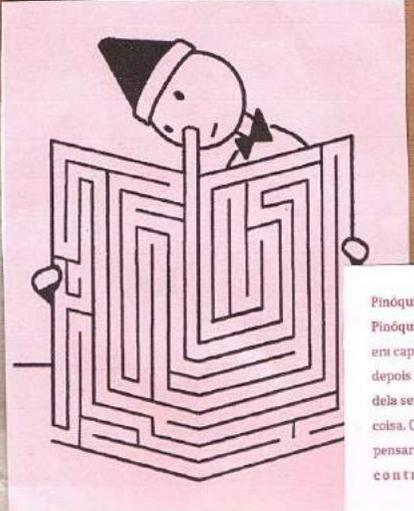
Acerto/erro - agregação de valores

Confronto com a lei não é determinante no processo de humanização de Pinóquio. O processo de humanização e aprendizado (aventuras e desventuras) se realiza por meio do afeto e amor por Gepeto e pela Fada. "Querer o bem com demais força, de inerte jeito, pode já estar sendo requeimando o mal, por principiar." "Recalcar as pulsões é o movimento existencial que o sujeito faz para garantir o amor dos pais" - sociedade repressora ou reconciliadora?

- gênero infantil - caracter moralista / pedagógico  $\checkmark$  desenvolvimento  $\neq$  DES-ENVOLVIMENTO  
(escrito originalmente para crianças)  
- Boneco de madeira que já possui vida antes mesmo de ter uma forma, necessita passar por uma trajetória para adquirir a natureza humana, sua natureza não é "essencialmente boa".

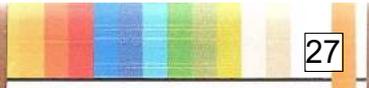
- Cidades: pequena aldeia, teatro como fogo (soberania), cidade dos pega trouxas (inversão dos valores e exploração), Ilha das abelhas (trabalho), cidade das brincadeiras - negação da escola (anomia) - meninos brincam sozinhos

AUTOMATOS (Frankstein, Mágico de Oz, Emilia)  
 $\neq$  SER HUMANO  
(natureza humana  $\neq$  natureza social)



Expo SEEC Beltrinhos 2012

Pinóquio é uma lacuna da minha infância. Depois de adulta, li e reli uma dezena de vezes o Pinóquio do Alexandre Rampazo. Igual quando a gente é criança. Uma vez seguida da outra eu era capaz de chorar, mesmo já sabendo o que ia ser dito. Doeue tanto que precissei me afastar, depois li novamente, e de novo, e de novo. Dá aquela sensação de ir se apoderando da história, dela ser cada vez mais sua, de você ser cada vez mais dela, de você e a história serem a mesma coisa. O prazer que isso dá! Esse é um livro perigoso pra mim, me causa muita dor. Preciso pensar bastante antes de lê-lo, escolher o momento e o lugar certo, porque não consigo controlar o que vem junto com ele.



Na escola a caixa de lápis cheia de lápis de cor de colorir paisagem casinha e cerca e telhado árvore e flor e caminho laço e circanda e fita

não tem lugar para Flicts

minhas memórias dos clássicos: INEVITÁVEL MEMÓRIAS. Especialmente mãe: biblioteca.

Infância idealizada, blindada  
Infância projetada: doce, brincadeira, barulho, Taubatê, Santos, amor, tempo, calor, quintal, conversa, saudade, terra, roça, família, rua, imaginação, mão, desenho, liberdade, curiosidade, avós

grandes aquarelas! Anjinho prazeroso. Ilustrações, manivela ida! Esforço, ligação ajuda recordar. Doeu querido outro. Identificar sonho, imaginação... Adolescência-adulto! Infância. Maravilhas tempo será.

Naig buare, do verbo uiar

a gente não pode perder



começa na infância e permanece na infância. A infância nunca sai da gente. É o único momento que somos autorizados a fabular?

Eu vi.

E eu pirei.

Mas isso sempre ficou na minha cabeça...

Você imagina o que as crianças veem.

A vida de uma criança: o que elas veem, o que elas ouvem e o que elas não comentam com você...

E isso criou a base de uma vida toda.

Não para o mundo todo...

Mas com certeza me envolveu com a infância para sempre.



Na escola a caixa de lápis cheia de lápis de cor de colorir paisagem casinha e cerca e telhado árvore e flor e caminho laço e cranda e fita

não tem lugar para Flicts

minhas memórias dos clássicos: INEVITÁVEL MEMÓRIAS. Especial outra mãe: biblioteca.

Infância projetada: doce, brincadeira, barulho, Taubaté, Santos, amor, tempo, calor, quintal, conversa, saudade, terra, roça, família, rua, imaginação, mão, desenho, liberdade, curiosidade, avós

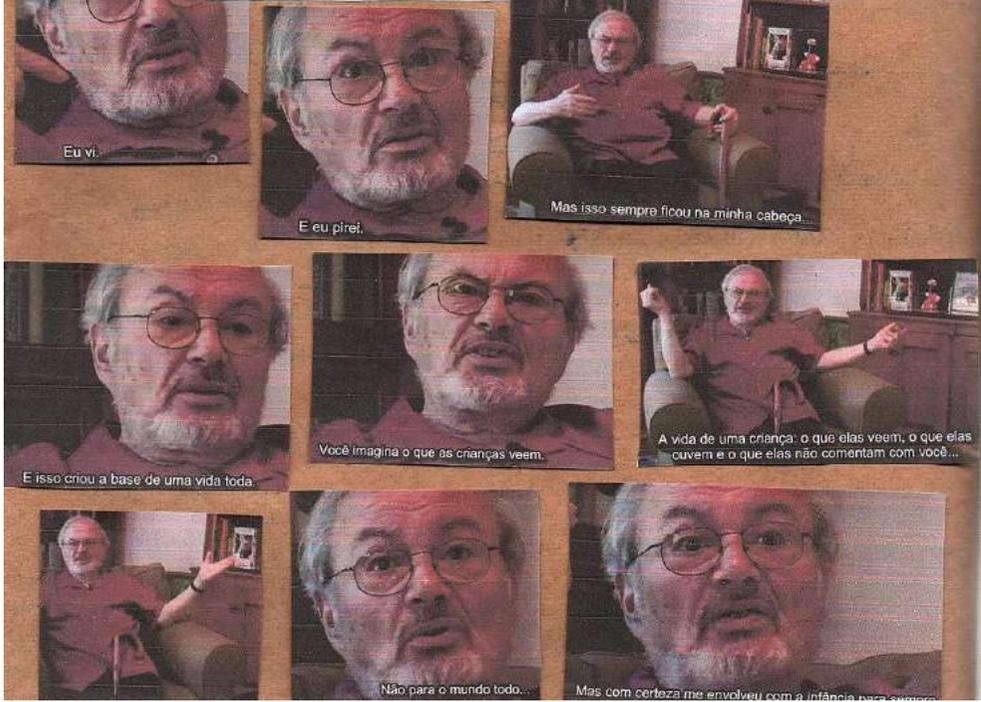
grandes aquarelas! Orgulho prazeroso. Ilustrações, manoni ida! Esforço, lições ajuda recordar. Destaca querido outro. Identificar sonho, imaginação... Adolexência-adulta? Infância. Maravilhas tempo sói.

naig, uauu, do outro lado

a gente não pode perder

CRIAÇÃO

começa na infância e permanece na infância. A infância nunca sai da gente. É o único momento que somos autorizados a fabular?



Eu vi.

E eu pirei.

Mas isso sempre ficou na minha cabeça.

E isso criou a base de uma vida toda.

Você imagina o que as crianças veem.

A vida de uma criança: o que elas veem, o que elas ouvem e o que elas não comentam com você...

Não para o mundo todo...

Mas com certeza me envolvi com a infância para sempre.

memórias do começo: QUASE FINAL, MEMÓRIAS SEMPRE...  
 RELACÃO PERCURSO - FUTURO, RAZÕES OUTRAS.  
 CRIANÇA VIVI VIDA, PRAZER, FELICIDADE CANGESTINA...  
 ISSA MIM, DENTRO, MOIO COMENDO, DORMINDO.  
 SERIOSIDADE: ABNURDO IMPOSSÍVEL! AMENINA QUE FUI, IMERSA,  
 INFECCIONA QUAL QUER PORQUÉ PODE. AMA O CHAMADO, TROCA,  
 DIVERTE, MÁGICA CRIA - FIO VIAGEM? ACEITAR.



Infância real: deleite, chuva, mergulho, sufoco, dor, poder, vazio, descoberta, solidão, coletivo, desejo, perspectiva, olhar, alcance, desamparo, sonho, força, coragem, dúvida, encontro, distância, violência, código.

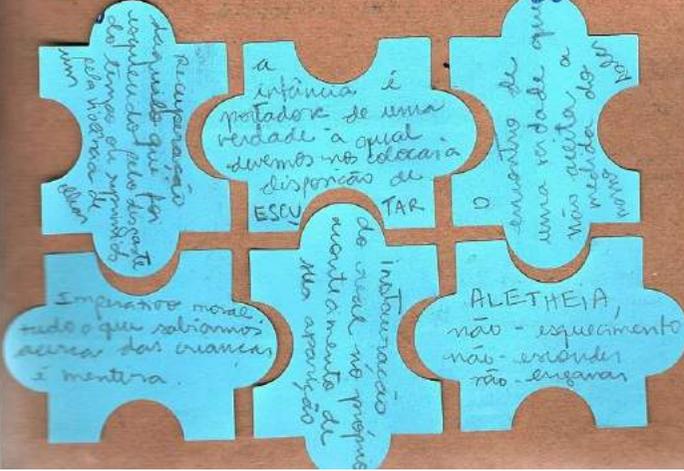
perspectiva da criança  
 Literatura - lugar onde essas infâncias precisam encontrar representatividade.  
 "Encontrar naquilo que não é dito um lugar de refúgio"  
 representações da infância

CRIAÇÃO

as características do livro ilustrado vem do universo infantil, da semente da palavra (m.b), de uma outra compreensão do objeto livro (a leitura do objeto antes da leitura da palavra)

Uma criança alcança o verdadeiro no próprio instante em que aparece como alguém singular e irrepitível, como uma pura diferença irredutível a qualquer conceito, como uma pura presença irredutível a qualquer sausa, conditio ou fundamento, como uma realidade que não pode punais, se tratada como um instrumento, como um puro enigma que nos olha cara a cara.

Pedagogia profana



DEVES ABRIR, PARA MIM, UM ESPAÇO NO MUNDO. DE FORMA QUE EU POSSA ENCONTRAR UM LUGAR E ELEVAR A MINHA VOZ!  
 Lorraine, em Pedagogia profana

Relação percurso - futuro, razões outras.  
 Criança vive vida, prazer, felicidade acasbentina...  
 Para mim, dentro, meio comendo, dormindo.  
 Curiosidade: absurdo impossível! Aménina que fui, imersa,  
 defeciona qual quer porque pode. Ama o chamado, troca,  
 morte, mágnica cria. Fio viagem? aceitar.



Infância real: deleite, chuva, mergulho, sufoco, dor, poder, vazio, descoberta, solidão, coletivo, desejo, perspectiva, olhar, alcance, desamparo, sonho, força, coragem, dúvida, encontro, distância, violência, código.

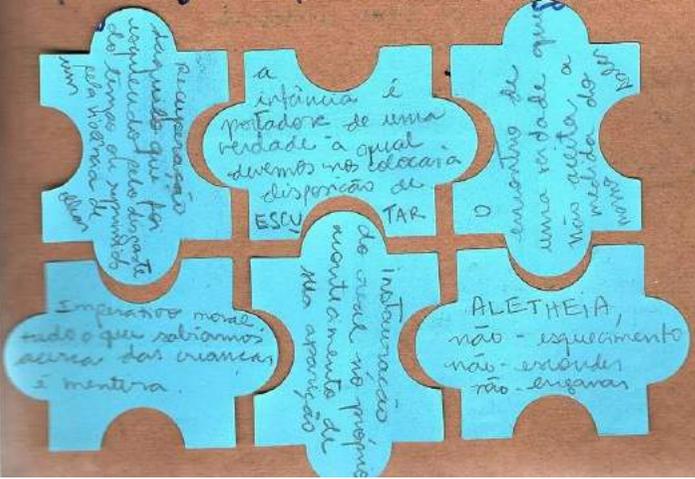
Perspectiva da criança  
 Literatura - lugar onde essas infâncias precisam encontrar representatividade.  
 "Encontrar naquilo que não é dito um lugar de refúgio"  
 representações da infância



as características do livro ilustrado vem do universo infantil, da semente da palavra (m.b), de uma outra compreensão do objeto livro (a leitura do objeto antes da leitura da palavra)

Uma criança alcança o verdadeiro no próprio instante em que aparece como alguém singular e irrepetível, como uma pura diferença irredutível a qualquer conceito, como uma pura presença irredutível a qualquer causa, condição ou fundamento, como uma realidade que não pode, jamais, ser tratada como um instrumento, como um puro enigma que nos olha cara a cara.

Pedagogia profunda



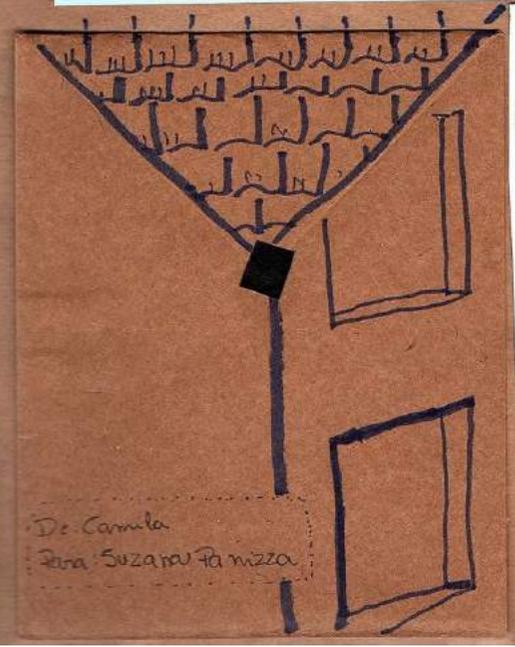
DEVES ABRIR, PARA MIM, UM ESPAÇO NO MUNDO, DE FORMA QUE EU POSSA ENCONTRAR UM LUGAR E ELEVAR A MINHA VOZ!  
 Lorraine, em Pedagogia profunda

O livro começou "pedaços de si". MATERIAS, TODA MATERIALIDADE ME PARECE PROVEITOSA. GAVETAS MATERIAL ENCONTRAVA, LEMBRAVA VIDA. MATERIALIDADE BIOGRÁFICA, VEGETAL  
 TRANSPARÊNCIA INUSITADA - QUARDADOS TAMANHO, FORMATO, QUANTIDADES... NÃO PLANESSADO OU IDEALIZADO SURTIU.  
 SEM PENSAR, MANUSEIO CONSTRUÍ EXISTIR, TEMPO...  
 HISTÓRIA CONTA TRANSIÇÃO LUGARES-ERRO. EMENDA E PASSAGEM CERTA FORMA ESTRUTURA. PRINCÍPIO, POR FIM, ARREMATAR.  
 "VOCÊ É PROFUSA" NÃO DIZ NADA. DESCANSO PARA O QUE VEM DEPOIS.  
 NÃO-TEXTO: PALAVRA. EXERCÍCIO DO OLHAR LÊTOR. CONSTRUÍ POSSIBILIDADES INFINITAS.

"CASA DE PALAVRAS" - Todo o tempo nada um constrói sua própria [CASA PRÓPRIA]

Floresta Suspensa  
 Núcleo: O Carpinteiro  
 A madeira. A origem de Pinóquio. A instalação permite a quem entra ser permeado pela essência da materialidade da madeira: odor, presença física, nível tátil e visual, corporalidade da madeira que se transforma graças à presença do público, que, como Gepeto, através da própria ação, dá vida a um pedaço de madeira: Pinóquio.

# MATERIALIDADE



O que é um livro pra mim?  
 "Casa da palavra, onde o silêncio mora"  
 Tactano - A trave

livro não é suporte livro é espaço (body)

De Camila Para Suzana Paiz

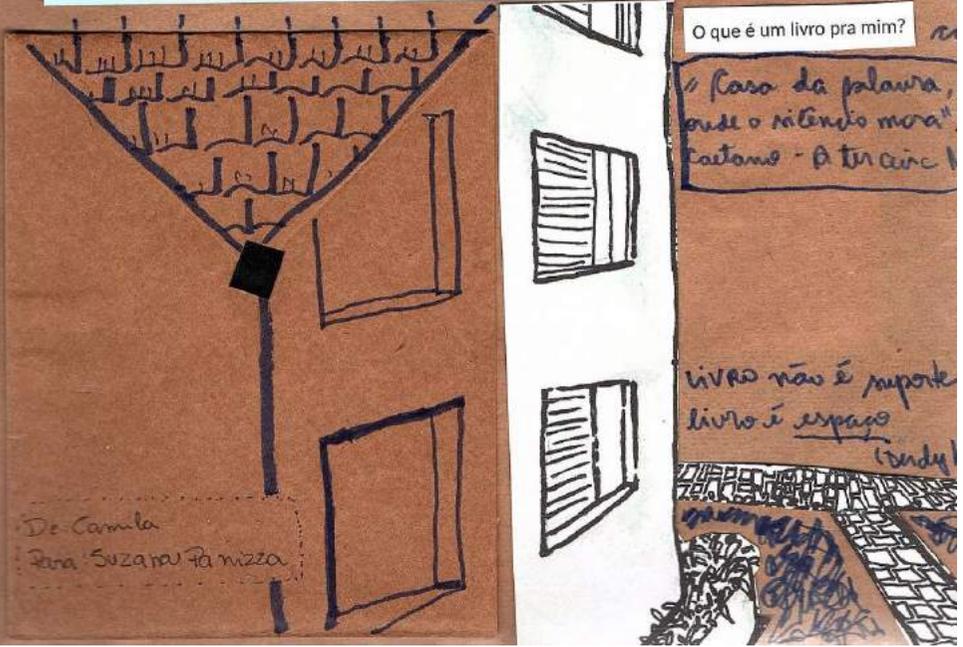
O LIVRO COMEÇOU "PEDAÇOS DE SI". MATERIAIS, TODA MATERIALIDADE ME PARECE PROVEITOSA. GAVETAS MATERIAL ENCONTRAVA, LEMBRAVA VIDA. MATERIALIDADE BIOMORFICA, VEGETAL. TRANSPARÊNCIA INVISITADA - GUARDADOS TAMANHO, FORMATO, QUANTIDADES... NÃO PLANEJADO OU IDEALIZADO SURTIU. SEM PENSAR, MANUSEIO CONSTRUÍA EXISTIR, TEMPO... HISTÓRIA CONTA TRANSIÇÃO LUGARES-ERRO. EMENDA E PASSAGEM CERTA FORMA ESTRUTURA. PRINCÍPIO, POR FIM, ARREMATAR. "VOCÊ É PROFUSA" NÃO DIZ NADA. DESCANSO PARA O QUE VEM DEPOIS. NÃO-TEXTO: PALAVRA. EXERCÍCIO DO OLHAR LÊTOR. CONSTRUÍ POSSIBILIDADES INFINITAS.

1, CASA DE PALAVRAS - Todo universo  
sada um contém sua própria  
[CASA PRÓPRIA]

**Floresta Suspensa**  
Núcleo: O Carpinteiro

A madeira. A origem de Pinóquio. A instalação permite a quem entra ser permeado pela essência da materialidade da madeira: odor, presença física, nível tátil e visual, corporeidade da madeira que se transforma graças à presença do público, que, como Gepeto, através da própria ação, dá vida a um pedaço de madeira: Pinóquio.

**MATERIALIDADE** →



A literatura é um discurso artístico, portanto, não pode haver prioridade do conteúdo do texto a forma (...)" - Ver Edith Dedyk

**META POÉTICA**

em casas diferentes (...)  
casa de palavras  
Y.R.

livro de artista = não tem compromisso com a literatura  
livro ilustrado = não pode abrir mão da literatura 30

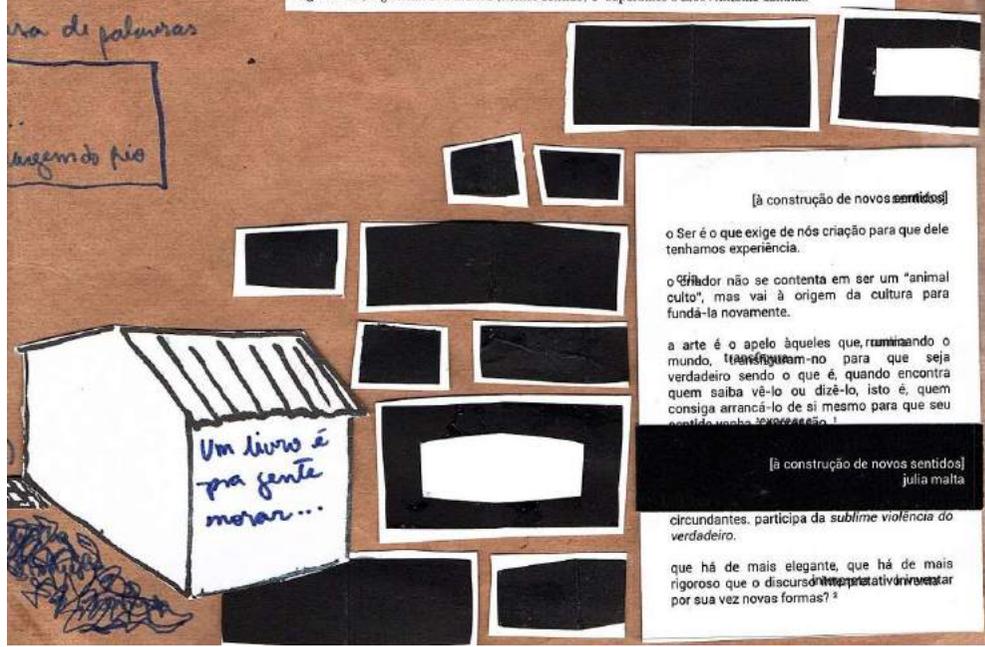
apresentação do livro "A página violada - da ternura à injúria na construção do livro de artista":

Possuo um grande carinho por livros, como provavelmente também o tenha quem está pretendendo ler este trabalho. Mas confesso que esse carinho sempre foi mais voltado para o volume, propriamente dito, do que pelo texto que ele comporta (ou suporta). O prazer da leitura é, para muitas, uma emoção que não consegue libertar-se do prazer de sentir o papel na mão ou o seu cheiro. Gosto de observar as ilustrações, de perceber a trama das reticências de impressão, de encontrar um desajuste nas cores: descobrir o magenta e o amarelo por detrás do vermelho. Gosto de contar os seus cadernos, ver como são costurados e quantas páginas há em cada um. E gosto de suas marcas de tempo: as páginas amareladas, manchas de uso, anotações nas margens, os nomes em esferográfica de seus donos. Tudo evidenciando que um livro é um objeto. Ele não é a obra literária. A obra literária é de escritores, pesquisadores, publicadores. O livro é de artistas, artesãos, editores. É de conformadores.

bruno munari - o livro como objeto, independentemente das palavras impressas, pode comunicar alguma coisa, em termos visuais e táteis? O que? Papeis, formatos, costuras, tipografia, materiais, ritmo, surpresa, curiosidade

**CONHECIMENTO TÁCITO**

- Imagem da palavra como um tijolo - a medida que se organiza os tijolos, se constrói. A construção de sentido se dá a partir da organização das palavras e vice versa (a organização intencional, ou seja, a forma das palavras cria sentido). A partir dessa lógica, ao ler, organizamos mente/espirito e uma vez organizados, organizamos o mundo (damos sentido) e "superamos o caos". Antonio Candido



## Artigo - Entre aventuras e pequenas verdades: Intersubjetividade, alteridade e identidade em Pinóquio

### Pinóquio: o livro das pequenas verdades

Esta pesquisa apresenta uma perspectiva de encontro com o livro ilustrado, gênero literário híbrido, criado a partir da relação de interdependência entre diferentes elementos narrativos como texto, imagem, projeto gráfico e materialidade. Ela conta especificamente sobre a experiência que vivenciei a partir da leitura de *Pinóquio, o livro das pequenas verdades*, de Alexandre Rampazo.

A obra foi lançada em 2019 na cidade de São Paulo, pelo selo Boitatá, da Editora Boitempo. Desde então, a interpretação do clássico proposta pelo reconhecido autor paulistano, conquistou os prêmios FNLIJ<sup>1</sup> nas categorias “Criança” e “Projeto Editorial”, o prêmio “Selo Cátedra Unesco”<sup>2</sup>, além de ser finalista do Prêmio Jabuti<sup>3</sup>, todos no ano de 2020.

A experiência com *Pinóquio, o livro das pequenas verdades*, me levou a conhecer o contexto em que foi escrita a versão original das aventuras do boneco e suas transformações ao longo desses mais de cem anos, especialmente, do ponto de vista da formação de crianças e jovens. Também me possibilitou investigar inovações e aspectos materiais dos livros ilustrados e reafirmar a importância de linguagens artísticas como a literatura para o desenvolvimento da alteridade, da identidade e da intersubjetividade em nós, como sujeitos.

- 
- 1 O Prêmio FNLIJ é uma premiação brasileira voltada para a literatura infantojuvenil, realizada pela Fundação Nacional para o Livro Infantil e Juvenil.
  - 2 Promovido pelo Instituto Interdisciplinar de Leitura da Pontifícia Universidade Católica do Rio (PUC-Rio).
  - 3 O Prêmio Jabuti é o mais tradicional prêmio literário do Brasil, concedido pela Câmara Brasileira do Livro.

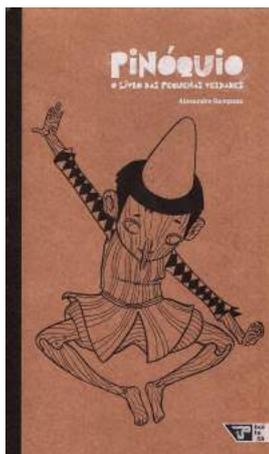


Figura 1 – Capa do livro Pinóquio, o livro das pequenas verdades, Alexandre Rampazo, Selo Boitatá, Editora Boitempo, 2019.

Os termos *alteridade*, *identidade* e *intersubjetividade* visitados nesta pesquisa são frequentemente encontrados como tema de estudos em diferentes contextos. Aqui, eles podem ser compreendidos segundo definições encontradas no dicionário online de português, que compreendem:

- Alteridade como “circunstância, condição ou característica que se desenvolve por relações de diferença, de contraste”<sup>4</sup>.
- Identidade como “conjunto das qualidades e das características particulares de uma pessoa que torna possível sua identificação ou reconhecimento”<sup>5</sup> e
- Intersubjetividade como “comunicação de consciências individuais, de modos próprios de pensar e de enxergar o mundo, que se relacionam e se estabelecem de maneira recíproca”<sup>6</sup>.

### As aventuras de Pinóquio

A história criada pelo italiano Carlo Collodi, foi publicada no final do século XIX, primeiramente num periódico chamado *Il Gionarle per i Bambini* [Jornal das

4 Disponível em <https://www.dicio.com.br/alteridade/>

5 Disponível em <https://www.dicio.com.br/identidade/>

6 Disponível em <https://www.dicio.com.br/intersubjetividade/>, último acesso em 11/11/2020.

crianças] no ano de 1881, e depois como livro no ano de 1883. A autora de uma tese de doutorado sobre representações da infância na literatura infantojuvenil<sup>7</sup>, Isabel Lopes Coelho, defende que a obra é considerada uma das mais icônicas do seu período por ter servido de “influência na consolidação da literatura infantojuvenil como um gênero digno de atenção” e por ser um exemplo de “obra que revolucionou a linguagem da época”.

*As aventuras de Pinóquio* foram escritas na Itália do *Risorgimento*, quando o governo recém-unificado resolveu investir na criação de um sistema básico de educação e na implementação de políticas educacionais, buscando a autoafirmação da identidade cultural, assim como a transmissão dos costumes e da língua por meio da literatura. Segundo Isabel, não há uma convergência de opiniões sobre um viés pedagógico/moralizante da obra, que pode também ser interpretada como um questionamento aos métodos de formação da época. Entretanto, por conta do contexto em que foi escrito, *Pinóquio* não deixa de ser um reflexo do seu tempo, como podemos observar no trecho a seguir, em que o Grilo Falante ignora a natureza de boneco do personagem e nele projeta expectativas de futuro:

— Não vou embora daqui — respondeu o Grilo — sem antes lhe dizer uma grande verdade.

— Pois diga lá e vá-se embora.

— Pobres daqueles meninos que se rebelam contra os pais e abandonam por teimosia a casa paterna! Não terão nunca felicidade neste mundo; e mais cedo ou mais tarde vão se arrepender amargamente.

— Vamos, canta lá, seu Grilo, como bem quiser; só sei que amanhã de madrugada quero ir-me embora daqui, pois se fico vai me acontecer o que acontece com todos os meninos, ou seja, vão me mandar para a escola e por bem ou por mal terei que estudar; e eu, para ser sincero com você, não tenho a menor vontade de estudar e me divirto mais correndo atrás das borboletas e subindo nas árvores para apanhar os pássaros nos ninhos.

— Pobre paspalhão! Mas não sabe que agindo assim você se tornará um belíssimo jumento quando crescer e que todos se divertirão à sua custa?

— Fique quieto, Grilinho de mau agouro! — gritou Pinóquio. Mas o Grilo, que era paciente e filósofo, em vez de se aborrecer com aquela impertinência, continuou no mesmo tom de voz: — Se não lhe agrada ter que ir à escola, por que não aprende pelo menos um ofício, para poder ganhar honestamente o pão de cada dia? (COLLODI, 2012, p.33-34).

A obra também fez parte de uma geração de publicações conhecida como *Era de Ouro* da literatura infantojuvenil europeia, contexto em que “a infância passa

<sup>7</sup> “A representação da infância na literatura infantojuvenil europeia a partir da segunda metade do século XIX: estudos sobre os romances *Sans famille*, *As aventuras de Pinóquio* e *Peter e Wendy*”, 2018.

a ser percebida como fase marcadamente distinta da adulta”<sup>8</sup>. As histórias que até então eram predominantemente fábulas e contos maravilhosos, passaram também a contemplar a figura da criança e do jovem como protagonistas. Como nos explica Isabel, naquele momento:

As crianças e os jovens protagonistas das histórias são expostos a conflitos, situações de perigo e a outros acontecimentos, configurando experiências reais. A partir desses episódios, as personagens aprendem valores éticos e morais, a descobrir sua própria individualidade e, sobretudo, seu propósito de vida. As histórias para crianças e jovens passam não mais a versar sobre contos de fadas, mas a se aproximar de uma literatura mais realista, sob a forma de narrativa do *Bildungsroman*. (COELHO, 2018, p.28).

Segundo o escritor italiano Ítalo Calvino<sup>9</sup>, dentre os “romances de formação” chamados *Bildungsroman*, Pinóquio foi um dos pioneiros a ser “fundamentado no diálogo” além de “excelente modelo de narrativa de aventuras”<sup>10</sup>. O emprego do romance enquanto gênero de carácter subjetivo e ideológico, representou uma grande mudança na temática das histórias, que passaram não apenas a apresentar crianças como protagonistas e possibilitar diversas representações da infância, como também, a retratar o contexto real de seu público, na maioria das vezes de pobreza familiar e abandono em centros urbanos. Ainda assim:

[...] o romance infantojuvenil surge com uma função social, no sentido de servir de instrumento para que seu leitor compreenda formas de moldar o pensamento e, por consequência de se comportar. Essa premissa diminui, ou até elimina, o efeito de “evasão” na leitura do romance, uma vez que a relação do romance com o real deixa de ser referencial para se tornar complementar. (COELHO, 2018, p.32).

Apesar de ser um romance, como diria Calvino, de “vadiagem e fome”<sup>11</sup>, Pinóquio tem em Geppetto, no Grilo e na Fada Azul, a legitimação de vínculos familiares e referências de bom comportamento, cujos discursos estavam alinhados às políticas educacionais do então governo italiano. Enquanto, por um lado, os escritores utilizavam a estrutura do romance como gênero narrativo, abordando os problemas sociais vividos pelas crianças e jovens da época, por outro, essa mesma

8 COELHO, 2018, p.12.

9 Ensaio publicado originalmente no jornal La Repubblica de 19-20 de abril de 1981, aqui retirado do posfácio da 2ª edição de “As aventuras de Pinóquio”, publicada pela extinta editora Cosac Naify.

10 O “romance de aventura” e o “romance escolar” são subgêneros do “Romance de formação” *Bildungsroman*.

11 Ensaio publicado originalmente no jornal La Repubblica de 19-20 de abril de 1981, aqui retirado do posfácio da 2ª edição de “As aventuras de Pinóquio”, publicada pela extinta editora Cosac Naify.

literatura já nascia com o propósito de ser instrumento de formação e modelo de instrução.

Por isso, a história de Pinóquio pode provocar angústia a quem acompanha sua trajetória. Ele é um exemplo de personagem que se esforça para seguir as regras do mundo, corre riscos e como consequência, é colocado o tempo todo à prova de vida, reforçando a ideia de que o pior está à espera daqueles que fogem às regras. Em muitos momentos, Pinóquio age de acordo com suas vontades e em seguida, se arrepende porque se compara com o moralismo adulto, lutando a história inteira contra sua essência brincante de boneco/criança. Deste modo, não é difícil compreender os motivos que levaram Pinóquio a se esquivar da escola.

Ainda no final do século XVIII, cerca de um século antes da criação d'*As Aventuras de Pinóquio*, a escola se estabelece como “instituição responsável pela separação de crianças e jovens do mundo adulto por meio de práticas autoritárias e disciplinares [...]”<sup>12</sup>. Assim como outras histórias do seu período, era para escola que a literatura de Pinóquio se destinava. Por serem as crianças vistas como “adultos em potencial”, a escola exercia grande empenho em formar gerações mais preparadas para o futuro em função do “progresso, do desenvolvimento e da competitividade”<sup>13</sup>, culminando num modelo de educação que condicionava e limitava as experiências de aprendizado.

Ao longo do tempo, as concepções sobre a criança e sobre escola se modificaram. Para o professor italiano Giovanni Micali, “é privilegiada a criança que, hoje, abre pela primeira vez as páginas de Pinóquio, e, graças à obra-prima de Collodi, supera, num salto, um século de modas e modelos preconcebidos para a infância [...]”<sup>14</sup>. Hoje sabemos que, nem a escola deve exercer um papel autoritário, nem a criança deve ser vista somente como “adulto em potencial”, mas sim, como um ser completo, detentor de subjetividade, produtor de cultura e, portanto, em diálogo constante com seu contexto histórico-social. A escola por sua vez, exerce o papel fundamental de formar sujeitos capazes de se deparar com o outro, capazes de vivenciar emoções e de atuar coletivamente no mundo, além de proporcionar experiências de aprendizado que respeitem a natureza da cada ser e que contemplem as diversas infâncias e suas necessidades.

---

12 ANDRADE, 2010, p.51.

13 LARROSA, 2003. p. 191.

14 “Uma ocasião para lembrar que a muitas crianças são negados os direitos fundamentais”, prefácio de Giovanni Micali em “As aventuras de Pinóquio”, de Carlo Collodi, publicado pela Fundação Nacional Carlo Collodi, 2005, p. 15.

A formação escolar é hoje um dos mais importantes meios a nos garantir o acesso a saberes que nos tornam sujeitos e que nos possibilitam a construção da nossa identidade. É nela que a grande maioria de nós tem contato com “modalidades de conhecimento” como a literatura, defendida pelo sociólogo, crítico literário e professor brasileiro Antônio Cândido como um direito, tanto quanto aqueles que nos asseguram a sobrevivência física<sup>15</sup> e que, portanto, deve garantir maneiras diversas de encontros com as histórias. Talvez por esse motivo, para muitos, a relação entre a formação escolar e formação leitora estejam tão associadas.

Entretanto, os ares de Pinóquio ainda sopram em nosso tempo. De onde eu venho, que é o chão da escola, a experiência literária ainda é vista como método para fazer com que crianças e jovens aprendam a ler, sem levar em conta que ler não é apenas sobre decodificar palavras, mas sobretudo, experiência. Ainda hoje detectamos heranças de um modelo educacional autoritário em iniciativas que pretendem militarizar escolas, banir das histórias seres fantásticos como ogros, bruxas, duendes, como também modificar suas estruturas narrativas, retirando os principais conflitos presentes nas tramas. Um exemplo desse último caso é o programa de alfabetização *Conta pra mim* lançado neste ano pelo Ministério da Educação, uma parceira do Governo Federal com a UNESCO<sup>16</sup>, que publicou uma série de quarenta livros com adaptações simplificadas de contos de fadas, fábulas e contos folclóricos, que limitam a experiência com a literatura e conseqüentemente, comprometem a formação identitária de crianças e jovens.

### **Entre “aventuras” e “pequenas verdades”**

Meu primeiro desencontro com o Pinóquio é um exemplo de experiência com histórias adaptadas. Foi ainda criança, através da versão em filme da produtora *Walt Disney* [1940], dirigida pelo grupo de diretores formado por Hamilton Luske, Ben Sharpsteen, Wilfred Jackson, Norman Ferguson, Bill Roberts, T. Hee e Jack Kinney. Até pouco tempo, lembrava apenas que se tratava da história de um boneco de madeira que toda vez que mentia, via seu nariz crescer.

---

15 CÂNDIDO, 2011, p.174.

16 A Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura.

Ao me debruçar sobre a obra e entrar em contato com seus estudiosos, descobri durante uma aula ministrada por Isabel Lopes Coelho<sup>17</sup>, que a passagem em que o nariz do personagem cresce corresponde a um breve intervalo entre o final do capítulo 17 e início do capítulo 18 do texto original de Carlo Collodi, e que, possivelmente é um dos trechos mais lembrados por carregar o viés pedagógico/moralizante utilizado por muita gente para “ensinar” crianças a não contarem mentiras. Atualmente, o lado mentiroso de Pinóquio também tem sido frequentemente lembrado em função da onda *fake* que percorre o mundo. Essa associação nos convoca a refletir sobre o que estamos negando enquanto sociedade. A artista e professora brasileira Giselle Bielguelman, autora de um artigo<sup>18</sup> sobre *deepfakes* [imagens falsas formadas por inteligência artificial], nos alerta:

A relação do personagem com a mentira é humana, enquanto no mundo de hoje vivemos falsidades comandadas por algoritmos<sup>19</sup>. A pós-verdade está no nosso cotidiano. Está nos aplicativos que nos rejuvenescem, transformam nossos cabelos, e tudo isso sem processo de edição pessoal. Ela vai construindo imagens em um horizonte opaco, onde perdemos a fronteira do que é real, do que é ficcional e do que é projeção [...] <sup>20</sup>

Diferentemente em Pinóquio, como reforça Isabel, conseguimos ver imediatamente as consequências da mentira e as transformações que ela opera no personagem. Adaptações com abordagens que reduzem Pinóquio a mentiroso reforçam em nós a lembrança desse que é apenas um dos seus muitos aspectos e nos distancia de um envolvimento mais profundo com a história, que nos leve a questionar os motivos pelos quais o personagem mente e o que ele tenta esconder.

Ítalo Calvino resalta a característica que a obra de Carlo Collodi tem “de se oferecer a perpétua colaboração do leitor para ser analisado e comentado, desmontado e remontado [...]”<sup>21</sup>, o que lhe rendeu muitas interpretações ao longo

17 Autora da tese “A representação da infância na literatura infantojuvenil europeia a partir da segunda metade do século XIX: estudos sobre os romances *Sans famille*, *As aventuras de Pinóquio* e *Peter e Wendy*”, 2018.

18 “A verdade dos deepfakes”, disponível em <https://revistazum.com.br/revista-zum-18/online/>, último acesso em 16/11/2020.

19 “Os algoritmos das redes sociais são um conjunto de regras e dados matemáticos responsáveis por fazerem as postagens se destacarem ou não no feed dos seus clientes” - disponível em <https://tropicaliana.com.br/algoritmos-das-redes-sociais-o-que-sao-e-como-funcionam/> - último acesso em 10/11/2020.

20 “Pinóquio ganha novas adaptações para o cinema e inspira debates sobre futuro da verdade”, artigo publicado no jornal *O globo*, disponível em: <https://oglobo.globo.com/cultura/pinoquio-ganha-novas-adaptacoes-para-cinema-inspira-debates-sobre-futuro-da-verdade-1-24662361>. Acesso em 17/11/2020.

21 Ensaio publicado originalmente no jornal *La Repubblica* de 19-20 de abril de 1981, aqui retirado do posfácio da 2ª edição de “*As aventuras de Pinóquio*”, publicada pela extinta editora Cosac Naify.

desses cem anos, afinal, “um clássico nunca acaba de dizer o que tem para dizer”<sup>22</sup>. Segundo o escritor e ilustrador brasileiro Odilon Moraes<sup>23</sup>, é necessário reconhecer a importância de interpretações que não explicam ou facilitam, mas que alargam as possibilidades de entendimento dos clássicos, assim como a importância de compreender a interpretação como uma experiência de autoria, de *reinvenção* em outro contexto, reverberando os ecos de obras como Pinóquio na contemporaneidade.

Para que eu pudesse conhecer Pinóquio além da fama de mentiroso, foi necessário que sua história fosse também interpretada por Alexandre Rampazo em *Pinóquio, o livro das pequenas verdades*. Das muitas inquietações que a versão contemporânea me provocou, a mais importante delas foi justamente compreender de onde vem a necessidade do personagem de contar mentiras e ser diferente do que é. Na tentativa de responder a essa inquietação, busquei no texto original o momento preciso em que ele deixa de ser compreendido como boneco e passa a corresponder às expectativas ideais de menino. Constatei que a narrativa não define como, e nem o momento exato em que esse ideal é construído. Podemos perceber que, para as personagens e inclusive para o narrador, o fato de Pinóquio ser criação de Geppetto é o que faz dele filho do marceneiro e talvez por isso lhe sejam atribuídas expectativas que se atribuem às crianças, fazendo com que a natureza de Pinóquio seja compreendida o tempo todo como dual<sup>24</sup>, como observamos nos trechos a seguir:

Diante daquele gesto insolente e ridículo, Geppetto ficou triste e melancólico, como nunca havia se sentido em toda a sua vida, e, voltando-se para Pinóquio, disse:

— Seu filho da mãe! **Nem ficou pronto** e já começa a **faltar com respeito a seu pai!** Muito mal, meu pequeno, muito mau! E enxugou uma lágrima.”  
[...]

“Esse Geppetto parece boa gente, mas é um verdadeiro tirano com os **meninos!** Se deixarem aquele pobre **boneco** nas mãos dele é bem capaz de fazê-lo em pedaços! [...]

— **Filho miserável!** E pensar que me esforcei tanto para **fazer dele um bonequinho correto!** Mas a culpa é minha; devia ter pensado nisso antes!  
[...] (COLLODI, 2012, p. 25-28).

22 “Uma visão solar de Pinóquio feita de cores intensas”, Ítalo Calvino [1993] apud prefácio de Lívio Sossi em “As aventuras de Pinóquio”, de Carlo Collodi, publicado pela Fundação Nacional Carlo Collodi, p. 11, 2005.

23 Registro de uma aula do curso de pós-graduação “O livro para a infância: processos de criação, circulação e mediação”, ministra por Odilon Moraes.

24 “Uma visão solar de Pinóquio feita de cores intensas”, prefácio de Lívio Sossi em “As aventuras de Pinóquio”, de Carlo Collodi, publicado pela Fundação Nacional Carlo Collodi, pág. 9, 2005.

Na interpretação criada por Alexandre Rampazo, a história se constrói a partir da imagem do personagem diante de seu próprio reflexo e é materializada no livro que reproduz página a página o efeito de um espelho: insatisfeito por ser boneco, Pinóquio projeta seus desejos e ideais, daquilo que gostaria de ser, nas qualidades de outros personagens que ali “representam um amplo repertório de comportamentos humanos”<sup>25</sup>.



Figura 2 – Montagem com três duplas de páginas, em sequência aleatória: Pinóquio e Geppetto, Pinóquio e Grilo Falante, Pinóquio e Senhor Raposo do livro *Pinóquio: o livro das pequenas verdades*, Alexandre Rampazo, Selo Boitatá, Editora Boitempo, 2019.

Isso demonstra, para além das expectativas do mundo, que também existe em Pinóquio o desejo genuíno de “ser reconhecido e aceito” e que sua experiência de encontro com o outro “não é mais do que a história da formação e da afirmação de uma identidade”<sup>26</sup>, como a de qualquer ser humano. Segundo a professora e escritora brasileira Luiza Helena Christov <sup>27</sup>, a construção da nossa subjetividade só acontece por meio dos encontros e da relação com o outro, quando nos individualizamos. Esse exercício de olhar de dentro para fora e de fora para dentro [eu-outro-eu], nos ajuda a construir o sentido de alteridade, quando somos capazes de reconhecer que o outro é diferente de nós e temos a possibilidade de aceitar suas diferenças.

Entre adaptações e intervalos da memória, cresci sem gostar da história de Pinóquio. Acredito que a maneira como me contaram sobre suas aventuras não favoreceu nosso encontro e como “emoção ruim ainda é emoção”<sup>28</sup>, estabeleci minha conexão com o personagem através de incômodos. Hoje compreendo que ele

25 Ibidem, pág. 9.

26 “Uma ocasião para lembrar que a muitas crianças são negados os direitos fundamentais”, prefácio de Giovanni Micali em “As aventuras de Pinóquio”, de Carlo Collodi, publicado pela Fundação Nacional Carlo Collodi, p. 15, 2005.

27 Registro de uma aula do curso de pós-graduação “O livro para a infância: processos de criação, circulação e mediação”, ministra por Luiza Christov.

28 Marcel Duchamp em “O Ato Criador”, disponível em: <https://asno.files.wordpress.com/2009/06/duchamp.pdf> – último acesso em 10/11/2020.

queria me dizer algo importante sobre mim e que eu não queria ver. Pensando nisso, se as histórias podem mostrar algo sobre nós, seriam elas espelhos a nos revelar nossos segredos?

Os livros, como qualquer linguagem artística, podem refletir aquilo que somos por despertar o sentimento de identificação e por nos vermos neles representados. Mas quando olhamos no espelho e não gostamos do que vemos, assim como Pinóquio, tendemos a recusar a nós mesmos, tornando o exercício do olhar ainda mais difícil. Enquanto não conseguia olhar Pinóquio, reconhecer nossas semelhanças e sobretudo nossas diferenças, eu “era apenas um boneco de madeira...” digo, eu era apenas alguém tentando ver somente aquilo que eu desejava: um personagem que não se arriscasse e que não sofresse.

Quando Pinóquio parou em frente ao espelho, o que viu refletido foi um boneco que era, na verdade, um pedaço de madeira.

Era somente um boneco de madeira.



Figura 3 – Primeira dupla de páginas após as folhas de guarda e rosto: Pinóquio refletido do livro *Pinóquio, o livro das pequenas verdades*, Alexandre Rampazo, Selo Boitató, Editora Boitempo, 2019.

Quando isso acontece, o filósofo e professor espanhol Jorge Larrosa explica que o sujeito não vivencia a experiência, trata-se apenas de um sujeito de reconhecimento, “aquele que não é capaz de ver outra coisa senão a si mesmo, aquele que percebe o que lhe vai ao encontro a partir do que quer, do que sabe, do que imagina, do que necessita, do que deseja e do que espera”<sup>29</sup>.

Quando nos propomos a encontrar as histórias ou ainda, quando nos propomos a encontrar o outro, sempre levamos expectativas para o encontro. Assim como Geppetto, o Grilo ou a Fada Azul, eu também carregava expectativas em

<sup>29</sup> LARROSA, 2010, p.197.

relação a *Pinóquio*, expectativas duais e confusas como sua natureza, e que foram ostensiva e propositalmente frustradas na minha experiência com a adaptação em filme da história original. Afinal, o que esperar de um menino que também é boneco? O que esperar de um boneco que é também menino?

Por isso, quando *Pinóquio, o livro das pequenas verdades* chegou até mim, adiei nosso encontro por cerca de duas semanas, meio desdenhando, meio duvidando que ele pudesse agradar meu paladar leitor de “sujeito de reconhecimento”. Na minha primeira experiência com a obra, foram necessárias três leituras seguidas até que eu compreendesse a emoção que ela me causava. A terceira leitura foi apenas o último impulso para o transbordamento de uma matéria psíquica que vi brotar dos meus olhos em forma de lágrimas. Parecia que o livro tinha me atacado e me ferido de tal modo que eu podia sentir dores. Passado algum tempo sem o ler, senti desejo de reviver aquela emoção, queria “fazer doer” de novo, conscientemente. A professora e escritora colombiana Yolanda Reyes em seu texto *A substância oculta dos contos* [2017], publicado no site da *Revista Emília*, descreve a relação entre as histórias e as dores provocadas por elas:

E, assim, sucessivamente, a dor ia se apoderando de tudo e as palavras eram tristes, mas de tanto se repetirem, pareciam ter poderes de cura [...]. Lemos para conversar, e dizer e nos dizer, sem nunca entender nada totalmente. [...] Esse fluir com as palavras de muitos outros, era como um feitiço que, de certa forma, curava a dor, mediante o rito de nomeá-lo. (REYES, 2017).

Antônio Cândido no texto *O direito à literatura* [2011] afirma que, assim como os sonhos, a maioria dos sentidos criados a partir da experiência com a literatura se processam nas camadas do inconsciente. Nele guardamos emoções para as quais não damos nome, que não compreendemos ou percebemos, mas que são nossas. Para o escritor russo Leon Tolstói, “se toda a vida complexa [...] se desenrola inconscientemente, então é como se esta vida não tivesse sido”<sup>30</sup>. Nesse sentido, as histórias nos dão a oportunidade de visitar emoções guardadas, que muitas vezes emergem nos nossos pensamentos e ações sem que nos demos conta e nos possibilita uma tomada consciência.

Ler *Pinóquio, o livro das pequenas verdades* pressionou “nódulos” do meu inconsciente que foram diluídos e tratados à medida que me ajudou a dar sentido para velhas emoções. Como quando já temos uma dor no corpo, uma dor que não

<sup>30</sup> TOLSTÓI, 1897 apud CHKLOVSKI, 1973, p. 44.

tratamos, com a qual nos acostumamos e resolvemos tocar e apertar seu ponto de aflição. Depois, sentimos a dor aliviar, tratar e dissipar pouco a pouco.

### A materialidade como narrativa

Na versão original escrita por Carlo Collodi, a narrativa é construída em texto verbal e os confrontos do personagem com o mundo são permeados pelas muitas aventuras que entretêm nossa atenção. Já na interpretação de Alexandre Rampazo, o autor direciona nosso olhar para que tenhamos uma percepção particular de Pinóquio. A narrativa é condensada em livro ilustrado e reordenada numa combinação de palavras, imagens, projeto gráfico e materialidade. O ritmo da leitura obtido pela repetição de espelhamentos a cada virar de página, como uma lente de aumento, intensifica a percepção que temos do personagem, fazendo com que sua necessidade de se reconhecer e sobretudo, de se assemelhar ao outro se torne impactante.



Figura 4 – Montagem com três duplas de páginas, em sequência aleatória: Pinóquio e Mestre de Marionetes, Pinóquio e Senhor Gato, Pinóquio e Burrinho do livro *Pinóquio, o livro das pequenas verdades*, Alexandre Rampazo, Selo Boitatá, Editora Boitempo, 2019.

Em entrevista cedida à edição 24 da *Revista Fronteiras* em junho desse ano, Alexandre Rampazo relata que essa amplificação da experiência é consequência de um conjunto de recursos e inovações tecnológicas que possibilitam investigar o tempo, o espaço e a arquitetura do livro como elementos estruturais da narrativa.

[Para dar sentido aos trechos recortados e transcritos da entrevista, acrescentei a palavra “materialidade” indicada por parênteses]:

[A materialidade] funciona como elemento [...] no sentido que, [...] a percepção e o conceito narrativo que eu proponho ali, sigam além da palavra e até além da imagem [...]. Todos esses elementos, eles têm que encontrar dentro dessa própria materialidade o livro como construtor dessa narrativa, ela realmente sendo parte integrante, ela fazendo parte dessa construção [...], que [a materialidade] não seja gratuita e que não seja refém dela mesma [...]. No livro ilustrado o passar de páginas sempre propõem uma passagem de tempo, uma transposição de ambiente. Acabo sempre procurando usar isso a meu favor nos livros que eu faço.<sup>31</sup>

O espelho é um dos elementos narrativos explorados por Rampazo como tema e materialidade. Como tema, pode representar o exercício de reencontro do leitor com ele mesmo ao olhar-se no espelho depois de uma experiência com a literatura. Não por acaso, Jorge Larrosa afirma que “leitores abertos à experiência, a que algo lhes passe ao ler” são leitores abertos “a não se reconhecerem no espelho”<sup>32</sup>.

Enquanto materialidade dos livros, a arte-educadora Camila Feltre em *É um livro...? Mediações e leituras possíveis* [2017], traz exemplos de como o espelho pode ser determinante na experiência com a literatura. Para ela, nos livros que são também espelhos, “as imagens refletidas jamais mostram as mesmas visualidades [...], a cada olhar o livro pode se transformar, permitindo novas percepções”<sup>33</sup>. O espelho como aspecto material das obras potencializa nosso engajamento com experiência literária porque torna concreta sua infinidade de interpretações, assim como a relação de intersubjetividade presente na literatura, que ao espelhar, corporifica em si uma parte do leitor.



31 “Releitura do clássico e intensificação da experiência”, disponível em [https://www.youtube.com/watch?v=4Ib5AkGwJ64&feature=emb\\_logo](https://www.youtube.com/watch?v=4Ib5AkGwJ64&feature=emb_logo), último acesso em 10/11/2020.

32 LARROSA, 2011, p.10.

33 FELTRE, 2018, p. 31.

Figura 5 – A fotografia mostra o espelho como materialidade no trabalho “O livro de areia”, 1999, da artista Marilá Dardot, citado em *É um livro...? Mediações e leituras possíveis*, Camila Feltre, Cultura Acadêmica, 2017.

Dentre os exemplos citados por Camila, *Espelho* [2009]<sup>34</sup> de Suzy Lee, merece atenção especial porque, apesar de nos convidar a uma experiência distinta de Pinóquio, a obra da autora sul-coreana também explora a arquitetura do livro a partir da emenda das páginas, sugerindo que uma seja o espelho da outra. No texto *O livro como objeto e a literatura infantil*<sup>35</sup>, Odilon Moraes o descreve:

O enredo [...] é construído em cima da percepção da dobra da página. É aí que se dá a informação principal da narrativa: a contraposição de dois universos que se separam pela costura. A dobra adquire o significado de limite dos dois mundos. A passagem de um personagem ou elemento de um lado do livro para o outro vai, conseqüentemente, sugerir a transposição desse limite. (MORAES apud DERDYK, 2013, p.163).



Figura 6 – Montagem com duas duplas de páginas, em sequência aleatória, do livro *Espelho*, Suzy Lee, Cosac & Naify, 2009.

A divisão desses dois mundos, tanto em Suzy Lee quanto em Rampazo, nos remete à fronteira entre aquilo que é real e o que imaginário, separando os personagens de suas projeções. Em *Pinóquio, o livro das pequenas verdades*, o jogo de espelhamentos começa após as páginas de rosto, que contém uma dedicatória e estudos de desenho do autor, evidenciando desde o nosso primeiro contato com a obra a importância da trajetória como experiência, do estar “entre” onde estamos e onde gostaríamos de estar.

34 1ª edição da editora Cosac & Naify.

35 Do livro *Entre ser um e ser mil*, organizado por Edith Derdyk, editora Senac, 2013.



Figura 7 – Folha de rosto do livro *Pinóquio, o livro das pequenas verdades*, Alexandre Rampazo, Selo Boitatá, Editora Boitempo, 2019.



Na primeira dupla de páginas, nos deparamos com o Pinóquio diante de si, refletido [figura 3]. O autor constrói o espelho no imaginário do leitor e o reforça nas semelhanças que existem entre o boneco e os personagens que dividem a cena com ele, simbolizando os encontros vivenciados na narrativa. Dentre os personagens que Pinóquio encontra, está o Grilo Falante. Seu papel nas adaptações e interpretações da história sempre foi de conselheiro e consciência do boneco. Nas minhas leituras ao longo da pesquisa, o Grilo ganhou novos significados: não por acaso, é ele que Pinóquio reflete na capa do livro de Alexandre Rampazo, como quem dá um salto.

Figura 8 – Dupla de páginas Pinóquio e Grilo junto com a capa do livro *Pinóquio, o livro das pequenas verdades*, Alexandre Rampazo, Selo Boitatá, Editora Boitempo, 2019.

Numa roda de leitura<sup>36</sup> de *Pinóquio, o livro das pequenas verdades*, promovida pelo clube de livros *A Taba* em abril desse ano, uma participante supôs que a escolha do autor por evidenciar na capa Pinóquio projetado em Grilo, pode significar que a obra representa literalmente o salto do personagem para uma tomada de consciência sobre si. Instigada por essa possibilidade de leitura, nas minhas visitas ao texto de Carlo Collodi, notei que o personagem do Grilo Falante já era centenário quando Pinóquio original foi escrito, assim como sua história que, hoje, também é centenária:

Chegando em frente da casa, encontrou a porta da rua entre aberta. Empurrou-a, entrou e, mal girou a tramela, caiu sentado no chão, deixando escapar um grande suspiro de contentamento. Mas essa satisfação durou pouco, pois ouviu ali no quarto alguém que fazia:

— Cri-cri-cri!

— Quem está me chamando? — perguntou Pinóquio cheio de medo.

— Sou eu! Pinóquio virou-se e viu um enorme Grilo que subia lentamente pela parede.

— E você, Grilo, quem é você?

— Eu sou o Grilo Falante, e moro nesta oficina há mais de cem anos. (COLLODI, 2012, p.30)

Essa coincidência me fez pensar que, talvez, Pinóquio precisasse atravessar o tempo, assim como o Grilo, para se tornar um “senhor” muito vivido, experimentado e consciente de sua identidade. A tomada de consciência do personagem que foi originalmente rotulado como manipulável, desobediente e preguiçoso, só acontece sob o olhar de Alexandre Rampazo, que lhe dá a oportunidade de desvelar sua natureza humana e ressignificar sua existência.

Depois de Pinóquio fantasiar ser muitos outros, a arquitetura do livro se transforma e a narrativa que foi construída a partir da leitura de páginas duplas passa a ser lida através de um *folder*. No desenrolar da página, Pinóquio entra em estado de sonho/mentira à medida que seu nariz se estica, ocupando todo o comprimento do papel. E é sonhando que ele finalmente reconhece sua materialidade ancestral de árvore.

<sup>36</sup> “Pinóquio - O Livro das Pequenas Verdades, de Alexandre Rampazo”, disponível em: <https://vimeo.com/403927684>, último acesso em 10/11/2020.



Figura 9 – Folder aberto do livro *Pinóquio, o livro das pequenas verdades*, Alexandre Rampazo, Selo Boitatá, Editora Boitempo, 2019.

O personagem só é capaz de enxergar a realidade quando reconhece o boneco de madeira que verdadeiramente é. Pela primeira vez na narrativa, Pinóquio volta seu olhar para dentro, para aquilo que o constitui, movimento essencial para o desenvolvimento da alteridade. Percebe-se não mais espelho a refletir e sim madeira, outro importante elemento narrativo da obra. A matéria-prima do personagem está presente em todo o livro: na capa, primeiramente no título, impresso com o efeito de uma xilogravura a revelar os veios da matriz.



Figura 10– Detalhe do título na capa do livro *Pinóquio: o livro das pequenas verdades*, Alexandre Rampazo, Selo Boitatá, Editora Boitempo, 2019.

Depois, no fundo, feito de papel pardo cujas fibras de celulose não passam por processos de branqueamento, preservando sua cor natural em tons de marrom. Aos poucos, percebemos o objeto livro como o próprio corpo do boneco, nos convidando a conhecer o avesso, ou melhor, o interior do personagem: a parte de dentro da capa, ilustrada com um xadrez vermelho, faz menção à roupa de Pinóquio, aspecto do personagem que o caracteriza como ele é por fora.



Figura 11 – Guarda e folha de guarda do livro *Pinóquio, o livro das pequenas verdades*, Alexandre Rampazo, Selo Boitatá, Editora Boitempo, 2019.

Em contrapartida, a parte externa marrom, representa a materialidade que Pinóquio é por dentro. A madeira também está presente no fundo de todas as páginas que aparentemente são brancas, mas o olhar mais atento percebe que se trata de uma textura obtida quando pintamos a superfície da madeira. Em outro trecho da entrevista cedida à edição 24 da *Revista Fronteiraz*, Alexandre Rampazo conta que:

[...] Uma página em branco, por exemplo, pode estar repleta de significados, de camadas, de narrativas e pode contribuir para o funcionamento dentro do contexto ou de um conceito proposto em uma história [...]. Mesmo sendo somente páginas em branco, elas se tornaram cenário e até personagens dessa narrativa [...]. Mesmo parecendo que as páginas não têm nada a dizer, elas continuam contando uma história que se desenvolve.<sup>37</sup>

O nariz de Pinóquio é a própria arquitetura do *folder*, momento do sonho que conduz o personagem para a resolução do conflito proposto pela busca de sua identidade. Vemos o jogo de espelhos novamente no final da história, quando nos deparamos com Pinóquio satisfeito pela [re]descoberta de si, real.

37 “A materialidade do livro como elemento da narrativa”, disponível em [https://www.youtube.com/watch?v=5OszluYYw00&feature=emb\\_logo](https://www.youtube.com/watch?v=5OszluYYw00&feature=emb_logo), último acesso em 11/11/2020.

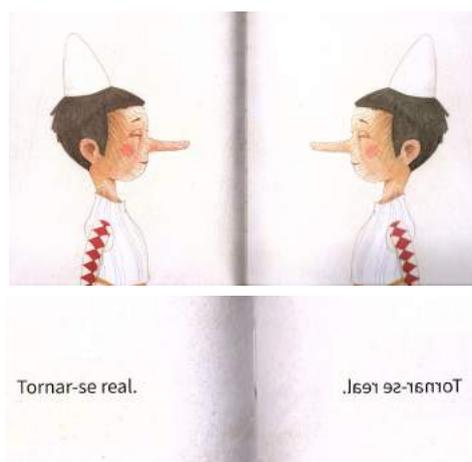


Figura 12– Pinóquio refletido na penúltima dupla de páginas. Figura 13 – Frase “Torna-se real”, refletida na última dupla de páginas do livro *Pinóquio, o livro das pequenas verdades*, Alexandre Rampazo, Selo Boitatá, Editora Boitempo, 2019.

### Sobre a importância de sonhar

Antônio Cândido no texto *O direito à literatura* [2011] defende que não há povo que consiga viver sem a arte ou sem “entrar em contato com alguma espécie de fabulação”. Dentre os tipos de fabulação citados pelo autor, o que mais me chamou atenção foi o sonho. Paralelamente à minha trajetória com os livros ilustrados, me deparei com o sonho como modalidade de conhecimento epistêmico e científico, reforçado pela experiência de Pinóquio no livro de Alexandre Rampazo, que aborda a mentira sem julgamentos, como possibilidade de sonhar outras realidades. Não por acaso, na entrevista cedida à *Revista Fronteiraz* [2020], Alexandre Rampazo conta que o *folder*, ou seja, o lugar do sonho, foi o embrião criativo do livro<sup>38</sup>. Para o escritor brasileiro Bartolomeu Campos de Queirós, a fabulação por meio da literatura nos permite “a fantasia de poder mentir e mentir-se e construir tardes e mundos fantásticos, e sofrer a dor e a alegria de ser outro, sempre sendo o mesmo”<sup>39</sup>. Ou seja, mentimos através da literatura para que sejamos verdadeiros na vida real.

Mesmo o ser humano sendo privado de todos os dispositivos de fabulação ao longo da vida, ainda assim, quando o sujeito dorme ele sonha, e quando sonha,

38 “A materialidade do livro como elemento da narrativa”, disponível em [https://www.youtube.com/watch?v=5OszluYYw00&feature=emb\\_logo](https://www.youtube.com/watch?v=5OszluYYw00&feature=emb_logo), último acesso em 11/11/2020.

39 QUEIRÓS apud BRITTO, 2012, p. 58

fabula. Para Cândido, a fabulação é algo biológico, primitivo, ancestral, portanto, indispensável à nossa existência.

Em cada cultura, os sonhos têm valores e significados diferentes. Na cosmovisão indígena, por exemplo, estão intrinsecamente ligados ao conhecimento prático da vida cotidiana. O ambientalista e escritor Ailton Krenak [2019], reconhece os sonhos como uma instituição, não apenas como a experiência diária de dormir e sonhar, mas um exercício disciplinado de buscar orientações para a vida<sup>40</sup>.

Segundo o neurocientista Sidarta Ribeiro, diferentemente dos povos indígenas que desde muito tempo conhecem e vivenciam a sabedoria dos sonhos, a sociedade não-indígena precisa resgatar a importância de sonhar, perdida no mundo contemporâneo. Em entrevista cedida para a série de *podcasts* “Ilustríssima Conversa” [2019], da Folha de São Paulo, o autor do livro “O oráculo da noite: a história e a ciência do sonho”<sup>41</sup>, explica que, para nossos ancestrais “o sonho era um portal potencialmente revelador de verdades úteis” e “essa percepção aparece nas primeiras descrições históricas sobre sonhos”, que coincidem com o início da literatura. A ciência comprova aquilo que o conhecimento ancestral já afirmava: a fabulação também nos ajuda nos processos de aprendizado, a viver melhor o presente e é também uma maneira de construirmos o mundo que virá. Por meio da literatura temos a possibilidade de vivenciar uma simulação da realidade. De imaginarmos situações e nos colocarmos nelas, vivenciamos conflitos, fazemos escolhas, somos desafiados, corremos riscos, vamos a lugares desconhecidos.

Longe de ser uma abdicação da realidade, a literatura como meio de fabulação, nos ajuda a criar sentidos e mecanismos biológicos para interagirmos com o mundo. Mesmo não se tratando de uma experiência real, a fabulação literária interfere na realidade, por isso “não é uma experiência inofensiva, pode causar problemas psíquicos e morais, como acontece com a própria vida da qual é imagem e transfiguração”<sup>42</sup>. Antônio Cândido afirma que, “nas mãos do leitor o livro pode ser fator de perturbação e [...] de risco”<sup>43</sup>, sobretudo, o risco de colocar à prova nossas convicções e certezas. Através dos conflitos vivenciados por Pinóquio, por exemplo, pude revisitar emoções que estavam guardadas e compreendê-las, o que me possibilitou uma tomada de consciência sobre o que sou e o que sinto.

---

40 KRENAK, 2019, p.25

41 Lançado pela Companhia das Letras em 2019.

42 CÂNDIDO, 2011, p. 175-176

43 Ibidem.

Portanto, se não há dúvidas de que a literatura é um meio que nos permite uma tomada de consciência, o maior risco que corremos é à difusão de histórias que não apresentam possibilidades de conflitos, escolhas e desafios desconhecidos, necessários ao nosso processo de autoconhecimento. O maior risco que corremos é que o incentivo a adaptações simplificadas das histórias nos faça perpetuar narrativas irreais que não são nossas.

### **A literatura como caminho para tornar-se real**

Conhecer o outro e o mundo de significados que ele carrega requer que sejamos capazes de sair de dentro de nós, como reafirma o editor e escritor espanhol Constantino Bértolo:

[...] a leitura propõe, por sua vez, um forte movimento de saída em direção ao exterior. Em princípio, ler é também um encontro com os outros, ou melhor, com as representações dos outros, e nesse sentido ler é aprender a conhecer as chaves dessa representação do outro [...] (BÉRTOLO, 2008, p. 51)

No exercício de tentar “conhecer as chaves dessa representação do outro” e compreender a experiência que a leitura de *Pinóquio, o livro das pequenas verdades* desencadeou em mim, constatei que a arte, por ser uma linguagem subjetiva, não evidencia aquilo que quer dizer, nos dando o “benefício da dúvida”, nos fazendo habitar o lugar da incerteza, do não-saber. Ela pode, ainda que ela não tenha esse propósito, provocar em nós uma espécie de evasão, que “espelha, mas não reflete a realidade do mundo objetivo e, sim, aquilo que é considerado real em sua ficção”<sup>44</sup>. Em outras palavras, explica o “desconhecido pelo conhecido”<sup>45</sup>, cria uma imagem ilusória a partir de algo real.

Toda vez que um escritor ou um artista se propõe a criar uma obra, expressam não apenas sua subjetividade, mas algo comum a todos nós, justamente por estarem inseridos e em diálogo com uma coletividade, absorvendo e produzindo experiências a partir dela. A natureza da arte é dialógica e intersubjetiva no sentido de que ela narra sobre a experiência pessoal de quem a criou e sobre a experiência

---

44 COELHO, 2018, p. 31.

45 CHKLOVSKI, 1973, p. 40.

de quem a presença. É o que demonstra o filósofo Benedetto Croce em sua frase “A madeira, na qual Pinóquio foi talhado, é a humanidade”<sup>46</sup>.



Espelho:  
intersubjetividade



Folder:  
alteridade



Madeira:  
identidade

*Pinóquio, O livro das pequenas verdades* narra a história de uma vida que pode ser a minha ou a de qualquer pessoa. Ele mostra o exercício de olhar para dentro de si, de traçar seu próprio caminho e de aceitar aquilo que se é. Pinóquio só se torna verdadeiro porque confia, se relaciona, deseja ser outro e percebe-se diferente, ou seja, porque vivencia o encontro. Assim, o personagem nos ensina que “tornar-se real” é um exercício constante e inevitável de aceitação e criação de significados para as leituras que fazemos do mundo. A oportunidade de vivenciar encontros com a literatura nos impulsiona a aceitar aquilo que somos, nos dando a possibilidade de assumirmos uma atitude em relação à realidade que se apresenta.

<sup>46</sup> CROCE apud COELHO, 2018, p. 101.

## Bibliografia

ALMEIDA, Carlos Helí e TORRES, Bolívar. Pinóquio ganha novas adaptações para o cinema e inspira debates sobre futuro da verdade. **O globo**, cidade[?], 27/09/2020. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/cultura/pinoquio-ganha-novas-adaptacoes-para-cinema-inspira-debates-sobre-futuro-da-verdade-1-24662361>. Acesso em 17/11/2020.

ALTERIDADE. In: **DICIO, Dicionário Online de Português**. Porto: 7Graus, 2020. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/alteridade/>. Acesso em: 17/11/2020.

ANDRADE, LBP. Tecendo os fios da infância. In: **Educação infantil: discurso, legislação e práticas institucionais** [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. Acesso em 21/10/2020.

BONDIA, Jorge Larrosa. Experiência E Alteridade em educação. In: **Revista Reflexão e Ação**, Santa Cruz do Sul, v.19, n.2, p.04-27, 2011.

\_\_\_\_\_. O enigma da infância. In: **Pedagogia Profana: danças, piruetas e mascaradas**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

CANDIDO, Antônio. O direito à literatura. In: **Vários Escritos**. 5 ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul/ São Paulo: Duas Cidades, 2011.

CHKLOVSKI, Victor. A arte como procedimento. In: TOLEDO, Dionísio de (org.). **Teoria da literatura: formalistas russos**. Porto Alegre: Globo, 1973.

COELHO, Isabel Lopes. **A representação da infância na literatura infantojuvenil europeia a partir da segunda metade do século XIX: estudos sobre os romances Sans famille, As aventuras de Pinóquio e Peter e Wendy**. 2018. Tese [Doutorado em Teoria Literária e Literatura Comparada] - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018. doi:10.11606/T.8.2019.tde-22032019-101536. Acesso em: 2020-09-28.

COLLODI, Carlo. **As aventuras de Pinóquio: História de um boneco**. São Paulo: Cosac Naify, 2ed.,2012.

DUCHAMP, Marcel. O Ato Criador In: BATTCOCK, Gregory. **A Nova Arte**. São Paulo: Perspectiva, 2004

FELTRE, Camila. **É um livro...? Mediações e Leituras Possíveis**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2017.

IDENTIDADE. In: **DICIO, Dicionário Online de Português**. Porto: 7Graus, 2020.

Disponível em: <https://www.dicio.com.br/identidade/>. Acesso em: 17/11/2020.

ILUSTRÍSSIMA CONVERSA: **É preciso unir ciência ao saber dos sonhos, diz Sidarta Ribeiro**. Entrevistado: Sidarta Ribeiro. Entrevistador: Walter Porto: Folha de São Paulo, 19/10/2019. Podcast. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/5r4wqkufAp5w6GBNxTQx9I?si=FTEfhlfDRzuqYyDZ7PfJ3A>. Acesso em 11/11/2020.

INTERSUBJETIVIDADE. In: **DICIO, Dicionário Online de Português**. Porto: 7Graus, 2020. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/intersubjetividade/>. Acesso em: 17/11/2020.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

LEE, Suzy. **Espelho**. São Paulo: Cosac Naify, 2009.

MICALI, Giovanni. Uma ocasião para lembrar que a muitas crianças são negados os direitos fundamentais. In: COLLODI, Carlo. **As aventuras de Pinóquio**. São Paulo: Paulinas, 2005.

MORAES, Odilon. O livro como objeto e a literatura infantil. In: Derdyk, Edith (org.). **Entre ser um e ser mil: o Objeto Livro e Suas Poéticas**. São Paulo: Senac, 2013.

Pinóquio - O Livro das Pequenas Verdades, de Alexandre Rampazo. **A Taba**, São Paulo, 3/4/2020. Disponível em: <https://vimeo.com/403927684>. Acesso em 10/11/2020.

RAMPAZO, Alexandre. A materialidade do livro como elemento da narrativa. In: **Revista Fronteiraz** [online]. São Paulo, n.24, 2020. Acesso em 11/11/2020.

RAMPAZO, Alexandre. **Pinóquio: o livro das pequenas verdades**. São Paulo: Selo Boitatá, Boitempo, 1ed., 2019.

RAMPAZO, Alexandre. Releitura do clássico e intensificação da experiência. In: **Revista Fronteiraz** [online]. São Paulo, n.24, 2020. Acesso em 11/11/2020.

REYES, Yolanda. **A substância oculta dos contos** [online]. Revista Emília, 2017. Acesso em 21/10/2020.

SALISBURY, Martin; STYLES, Morag. **Livro infantil ilustrado: a arte da narrativa visual**. 1ª ed. São Paulo: Rosari, 2013.

SOSSI, Livio. Uma visão solar de Pinóquio feita de cores intensas. In: COLLODI, Carlo. **As aventuras de Pinóquio**. São Paulo: Paulinas, 2005.